

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**Roberta Cristiane de Oliveira**

**FOTOJORNALISMO CONTEMPORÂNEO:**

Análise da cobertura fotográfica da Mídia NINJA sobre os protestos de junho de 2013.

**Juiz de Fora**  
**Junho de 2015**

**Roberta Cristiane de Oliveira**

**FOTOJORNALISMO CONTEMPORÂNEO:**

Análise da cobertura fotográfica da Mídia NINJA sobre os protestos de junho de 2013.

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Carlos Felz Ferreira.

**Juiz de Fora**  
**Junho de 2015**

Roberta Cristiane de Oliveira

Fotojornalismo contemporâneo:

Análise da cobertura fotográfica da Mídia NINJA sobre os protestos de junho de 2013.

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Carlos Felz Ferreira (FACOM/UFJF)

Aprovado(a) pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Jorge Carlos Felz Ferreira (FACOM/UFJF) – Orientador

---

Prof. Dr. Carlos Pernisa Júnior. (FACOM/UFJF) - Convidado

---

Prof. Ms. Lara Linhalis Guimarães (FACOM/UFJF) - Convidado

Conceito Obtido: \_\_\_\_\_

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

A Deus e à minha família.

Mimo, Pai, Girl e Bob: esta conquista eu devo a vocês...

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus que me proporcionou a possibilidade, de mais uma vez, alcançar um objetivo. A minha família pelo apoio incondicional, principalmente, durante os meus períodos de ultra-high-power stress. Aos meus amigos que mergulharam de cabeça comigo nesta aventura de ser jornalista. E ao professor Jorge Felz por suas orientações sempre certeiras.

Hoy voy a levantarme  
y no voy a resignar  
mi corazón  
a ser lo que quise y no pude.  
No lo voy a aceptar,  
hoy voy a buscar estar mejor  
la vida tiene solución  
aquí no hay nada imposible.  
No creo en el jamás.... no.

(JUANES, 2007)

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como tema principal a discussão acerca do panorama do fotojornalismo contemporâneo. Devido à democratização das câmeras fotográficas e dos dispositivos móveis de comunicação com acesso à internet, o fotojornalismo tem sido influenciado por esta nova realidade, criando novas possibilidades de intervenção. Para tal análise foi escolhida a cobertura fotográfica do coletivo Mídia NINJA sobre os protestos de junho de 2013, por apresentarem características inerentes a este novo contexto tecnológico e por sua relevância fotojornalística durante o período em questão.

Palavras-chave: Fotojornalismo. Mídia NINJA. Protestos de junho de 2013. Dispositivos móveis. Redes sociais.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Ensaio fotográfico <i>How the other half lives</i> , Jacob Hiis (1890). Fonte: Bendspace .....	13
Figura 2	Ensaio fotográfico <i>How the other half lives</i> , Jacob Hiis (1890). Fonte: Bendspace .....	13
Figura 3	Ensaio fotográfico Child Labor, Lewis Hine (1908-12). Fonte: History Place .....	14
Figura 4	Ensaio fotográfico Child Labor, Lewis Hine (1908-12). Fonte: History Place .....	14
Figura 5	"Dead confederate in the Devil's Den, Gettsbury, Pa." Fotografia "montada" por Alexander Gardner, em julho de 1863. Fonte: Library of Congress .....	16
Figura 6	Imagens de Florence Owens Thompson, retratada pela fotógrafa da Farm Security Administration, Dorothea Lange. Thompson se transformou na imagem da Migrant Mother do período da Grande Depressão americana. (1936). Fonte: The Great Depression Photos .....	19
Figura 7	Imagens de Florence Owens Thompson, retratada pela fotógrafa da Farm Security Administration, Dorothea Lange. Thompson se transformou na imagem da Migrant Mother do período da Grande Depressão americana. (1936). Fonte: The Great Depression Photos .....	19
Figura 8	Martin Luther King lidera a marcha pelos direitos civis dos negros americanos. Fotografia de James "Spider" Martin (1965). Fonte: Porter Briggs .....	20
Figura 9	Manifestantes recebidos violentamente pela polícia na cidade de Selma, no Alabama. Fotografia de James "Spider" Martin (1965). Fonte: Revista Zum .....	21
Figura 10	Jovem é atacado por cachorro da polícia em protesto na cidade de Birmingham, no Alabama (1963). Fotografia de Bill Hudson. Fonte: The New York Times .....	22
Figura 11	Estudantes negros são agredidos por um policial branco durante manifestação pelos direitos civis (1963). Fotografia de Bill Hudson. Fonte: Westward Bound .....	22
Figura 12	Figura 12 - Postagem que exhibe a única fotografia com crédito de autor dentre as imagens da amostra .....	36



Figura 13	Logotipo da Creative Commons .....	40
Figura 14	Uma das imagens de <i>A grunt's life</i> , de Damon Winter. Fonte: The New York Times .....	48
Figura 15	Fotografia de autoria de Sebastião Salgado retrata um dos garimpeiros de Serra Pelada em aparente disputa com um policial militar. Fonte: Pinterest .....	51
Figura 16	Fotografia mostra manifestantes sobre o Congresso Nacional, na Marcha do Vinagre, em Brasília (17 jun.2013). Fonte: perfil da Mídia NINJA .....	53
Figura 17	Fotografia registrada pela Mídia NINJA durante manifestação em Belo Horizonte/MG (26 jun.2013). Fonte: perfil da Mídia NINJA ....	54
Figura 18	Fotografia da Mídia NINJA mostra casal de jovens em meio a protesto em Belo Horizonte (26 jun.2013). Fonte: perfil da Mídia NINJA .....	55
Figura 19	Aplicação da Regra dos Terços em fotografia produzida pela Mídia NINJA. Fonte: perfil da Mídia NINJA .....	56
Figura 20	Manifestante pula sobre pneus em chamas durante protesto na capital paulista. Fonte: perfil da Mídia NINJA .....	57
Figura 21	Figura 21 - Fila de policiais posicionados durante protesto na cidade de São Paulo. Fonte: perfil da Mídia NINJA .....	58
Figura 22	O abraço final, de Taslima Akhter. Fonte: World Press Photo .....	61
Figura 23	O sinal, de John Stanmeyer. Fonte: bjp-online .....	61
Figura 24	Página da agência NOOR sobre o ensaio fotográfico " <i>Suffering in silence: obstetric fistula in Asia</i> " .....	63

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Imagens postadas no perfil da Mídia NINJA durante as três dezenas do mês de junho de 2013 .....	34
Tabela 2	Quantidade de imagens postadas durante os dias escolhidos para análise amostral .....	36

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 A HISTÓRIA DO FOTOJORNALISMO .....</b>	<b>12</b>
2.1 O FOTOJORNALISMO EM MEIO AOS CONFLITOS .....	15
2.2 O FOTOJORNALISMO DIGITAL .....	23
<b>3 OS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E AS REDES SOCIAIS .....</b>	<b>25</b>
3.1 ASCENSÃO DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS: A ERA DA CONVERGÊNCIA .....	27
<b>4 A MÍDIA NINJA E A AÇÃO COLABORATIVA NOS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 .....</b>	<b>30</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA .....	33
4.2 ANÁLISE DA AMOSTRA .....	35
<b>5 DISCUTINDO O FOTOJORNALISMO DA MÍDIA NINJA .....</b>	<b>38</b>
5.1 O FOTOJORNALISMO E OS DIREITOS AUTORAIS .....	38
5.2 JORNALISMO CIDADÃO E O OFÍCIO DO FOTOJORNALISMO .....	42
5.3 OS DISPOSITIVOS MÓVEIS A SERVIÇO DA COBERTURA DOS PROTESTOS .....	45
<b>6 ASPECTOS ESTÉTICOS DA FOTOGRAFIA DA MÍDIA NINJA .....</b>	<b>50</b>
<b>7 TENDÊNCIAS DO FOTOJORNALISMO .....</b>	<b>59</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O EDITOR DE FOTOGRAFIA DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO, DIEGO PADGURSCHI .....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE B – TABELA DE PRÉ-ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS POSTADAS PELA MÍDIA NINJA DURANTE O MÊS DE JUNHO DE 2013 .....</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os protestos de junho de 2013 ocuparam as ruas do país alimentados pelos gritos de milhares de pessoas que exigiam mudanças nos cenários político e social brasileiros. Durante esses dias, os meios de comunicação noticiaram a evolução dessas manifestações, porém, os personagens que realmente se destacaram foram aqueles que, de modo inovador, mostraram o fato que se desenrolava de forma dinâmica e aproximada. Nesse contexto, entram em foco os coletivos midiáticos alternativos, formados principalmente por “repórteres” amadores, cujo expoente mais relevante durante esse período é a Mídia NINJA.

Munidos de câmeras fotográficas e dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets*, os integrantes da Mídia NINJA conseguiram transmitir em tempo real, através da internet, o avanço das multidões e capturaram em suas fotografias momentos que foram ignorados até pelas lentes de fotojornalistas profissionais. O coletivo NINJA se transformou em evidência dos tempos de mudanças que pairam sobre o (foto) jornalismo, visto que sua cobertura foi acompanhada por milhares de expectadores e mereceu destaque até na mídia internacional.

A tendência da participação de cidadãos comuns na produção de conteúdo fotojornalístico tem se fortalecido devido à evolução e democratização das tecnologias digitais de comunicação e, também, pela ampliação do acesso a ferramentas que antes estavam disponíveis somente aos grandes veículos de informação. Esse panorama evidenciou a necessidade de discutir quais seriam as consequências sobre o fotojornalismo tal como o conhecemos.

Deste modo, o segundo capítulo deste trabalho trará a história do fotojornalismo, desde a invenção da fotografia até sua transição da produção analógica à digital. O terceiro capítulo tratará do uso das redes sociais como ambiente propício ao ativismo e a repercussão dos protestos de junho de 2013 na web. O capítulo quatro analisará a cobertura fotojornalística da Mídia NINJA sobre as manifestações, tomando como amostra as fotografias de eventos específicos postadas no seu perfil no facebook nos dias 16, 26, 27 e 30 do referido mês. O capítulo cinco discutirá os aspectos encontrados durante a análise da amostra, procurando localizar os pontos mais impactantes à prática do fotojornalismo. O capítulo seis abordará alguns aspectos estéticos inerentes à produção fotográfica da Mídia NINJA. E, por fim, o sétimo capítulo discutirá as possíveis tendências do fotojornalismo diante das diversas mudanças às quais tem sido confrontado.

## 2 A HISTÓRIA DO FOTOJORNALISMO

Desde os primórdios da humanidade, entre as mais arcaicas formas de sociedade, o homem demonstra a necessidade de retratar a realidade que o cerca. Um bom exemplo são as pinturas rupestres espalhadas ao redor do mundo no interior de cavernas e paredes rochosas, em um evidente propósito de comunicar e representar seu cotidiano. Neste sentido, a invenção do Daguerreótipo por Louis Jacques Mandé Daguerre, em meados do século XIX, conferiu à fotografia o protagonismo na captura e eternização de momentos singulares da história moderna.

A fotografia representa o detalhe, a minúcia, a perspectiva, a luz, o momento fugaz, a espontaneidade, e a velocidade que muitos procuravam mas não conseguiam por outros meios. Não é de hoje a afirmação que a invenção da fotografia LIBERTOU a pintura para encontrar a sua verdadeira vocação expressiva. Poderíamos até afirmar que do ponto de vista de um determinismo histórico, a humanidade estava fadada a descobrir a fotografia ou alguma coisa semelhante porque não desistiria dessa busca até chegar ao que procurava (HARRELL, 2002, p.1).

Durante alguns breves anos após a sua invenção, a fotografia permaneceu como um simples instrumento de representação da ascendente burguesia da época que, através da produção de retratos, demarcava seu papel de privilegiados socialmente. Chegou a ser vista com certa cautela e a todo tempo era comparada à pintura, sendo considerada menos verossímil (SOUZA, JASPER E KALIBERDA, 2013, p.2). Entretanto, devido à sua função insubstituível no registro dos fatos, cenários e personagens do passado (KOSSOY, 2007, p.106), a fotografia passou a ser utilizada com objetivo testemunhal. Em 1842, uma fotografia realizada por Carl Fiedrich Stelzner, foi reproduzida em forma de gravura no jornal inglês *The Illustrated London* (SOUZA, 1998, p.19), primeiro jornal semanal ilustrado do mundo. Um incêndio ocorrido na cidade de Hamburgo, na Alemanha, estampou as páginas do periódico. Este seria o grande marco do advento do fotojornalismo.

Feita com um daguerreótipo, seu valor [da imagem] não se deve à antiguidade nem por representar um objeto histórico, mas ao fato de Stelzner ter registrado um evento. Mais do que a imagem em si, é essa intenção testemunhal que prenuncia o uso da fotografia como suporte de informação: pela primeira vez, seu valor não se encontrava em si mesma, mas no que continha. Com efeito, a fotografia é o primeiro objeto pós-industrial: o valor se transferiu do objeto para a informação (OLIVEIRA e VICENTINI, 2009, p.22).

Nas palavras de Sousa (2002), o fotojornalismo é uma atividade que não possui linhas precisas que o delimitem, pois pode abranger fotografias de notícia, ilustrações fotográficas, *features*<sup>1</sup>, fotografias documentais, entre outras. “De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, a finalidade primeira do fotojornalismo, entendido de uma forma lata, é informar” (SOUSA, 2002, p.8). O autor ressalta que, apesar de o fotojornalismo e o fotodocumentalismo possuírem a mesma raiz, eles se diferem por conta de seu modo de operar: enquanto o fotojornalista se baseia na premissa factual, geralmente trabalhando em cima da surpresa quanto ao que se vai fotografar e às condições que irá encontrar no local da notícia. Em contrapartida, o fotodocumentalista opera sobre projetos fotográficos, que abordam pautas previamente estudadas e com prazos de conclusão mais dilatados. “A fotografia documental surgirá como resultado da criação original do fotógrafo, carregando, em si, a possibilidade de transformação social” (FERREIRA, 2005, p.49).

Dois dos primeiros trabalhos fotodocumentais mais marcantes foram produzidos pelo fotógrafo Jacob Hiis (1849-1914) e pelo fotógrafo e sociólogo Lewis Hine (1874-1940). O ensaio fotográfico de Hiis, intitulado *How the other half lives*<sup>2</sup> (Figuras 1 e 2), denunciava a miséria enfrentada pelos trabalhadores durante o período da Revolução Industrial e as condições lastimáveis em que se encontravam muitas das novas cidades das áreas urbanas dos Estados Unidos. As fotografias não foram impressas, devido aos altos custos, e sim, transformadas em ilustrações.



Figuras 1 e 2 - Ensaio fotográfico *How the other half lives*, Jacob Hiis (1890). Fonte: Bendspace.<sup>3</sup>

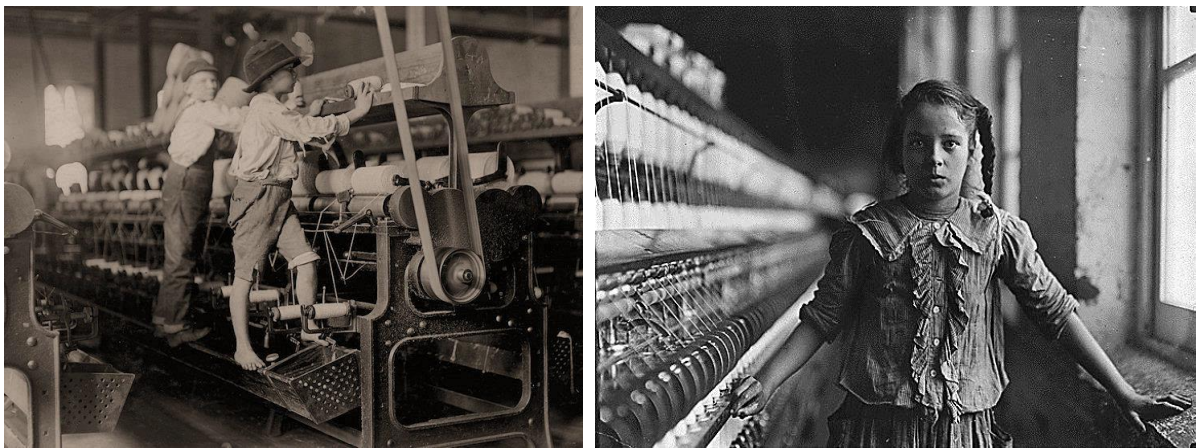
<sup>1</sup> "Feature" - Gênero jornalístico que vai além do caráter factual e imediato da notícia. Opõe-se a "hard news", relato objetivo de fatos relevantes para a vida política, econômica e cotidiana. Um "feature" aprofunda o assunto e busca uma dimensão mais atemporal. Define-se pela forma, não pelo assunto tratado. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_producao\\_f.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_f.htm). Acesso em: 18 mai.2015.

<sup>2</sup> Tradução livre: Como a outra metade vive.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.blendspace.com/lessons/AMHCj28JAjp-XA/how-the-other-half-lives>. Acesso em 18 de mai.2015.

O trabalho de Lewis Hine, chamado *Child Labor*<sup>4</sup> (Figuras 3 e 4), também possui cunho social. Hine viajou pelos Estados Unidos fotografando o trabalho infantil em vários tipos de indústria: minas de carvão, fábricas têxteis e de conservas. Andou pelas ruas e registrou crianças trabalhando como engraxates, vendedores de jornais e ambulantes. Ele acreditava que se as pessoas pudessem ver os abusos e injustiças do trabalho infantil, elas poderiam lutar para mudar esta realidade. Para ele, uma boa fotografia seria aquela que demonstrasse "uma reprodução de impressões do fotógrafo que ele deseja repetir para os outros". Hine definia suas fotos como subjetivas e, por isso descreveu seu trabalho como "foto-interpretação" (NATIONAL ARCHIVES, 2015<sup>5</sup>).

As fotos feitas por Hine, denunciando as péssimas condições em que trabalhava as crianças nas fábricas da Pensilvânia, ajudaram a alterar as leis que regiam o trabalho de menores. Hine incorporou ainda técnicas usadas em publicidade, juntando imagens e textos, criando um estilo que triunfaria na cultura de massas norte-americana, na forma de revistas ilustradas (OLIVEIRA e VICENTINI, 2009, p.27).



Figuras 3 e 4 – Ensaio fotográfico Child Labor, Lewis Hine (1908-12). Fonte: History Place.<sup>6</sup>

Tais iniciativas fotojornalísticas, com nítido apelo a questões relacionadas a problemas sociais que, nem sempre, estampam as páginas de jornais e revistas pelo mundo, são notadas até os dias de hoje nos trabalhos de alguns coletivos e agências fotográficas, além dos meios midiáticos alternativos. Esses grupos, por não estarem vinculados aos grandes

<sup>4</sup> Tradução livre: Trabalho infantil.

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.archives.gov/education/lessons/hine-photos/>. Acesso em 18 mai.2015.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.historyplace.com/unitedstates/childlabor/>. Acesso em: 18 de mai.2015.

veículos de informação, tem uma maior autonomia para engajarem-se em causas que contemplem outros assuntos, de forma mais ampla.

A utilização da fotografia na imprensa somente foi implementada 30 anos após sua invenção, no final do século XIX. Ferreira (2005) explica que a ausência de tecnologias que possibilitassem a impressão das imagens nas páginas dos periódicos foi o maior empecilho. A fotografia se tornou comum na imprensa a partir de 1882 com a invenção de um processo de impressão chamado autotipia, ou meio-tom, criado pelo alemão Georg Meisenbach (1841-1912). A autotipia consiste no processo de produção de pranchas tipográficas de imagens denominadas clichê e a posterior impressão da imagem sobre o papel. Nestas pranchas, os detalhes das imagens são representados por pequenos pontos: as áreas mais escuras possuem uma concentração maior de pontos e as mais claras, uma quantidade menor. Apesar desta nova tecnologia, ainda decorreu alguns anos até que a impressão meio-tom começasse a ser empregada nos jornais, principalmente pelo alto custo que demandava a modificação dos maquinários, permanecendo os desenhos como primeira opção. “Talvez isso ocorresse pelo design gráfico das páginas, centrado no texto, e também pela forma como encaravam a fotografia, não muito mais do que uma simples ilustração” (FERREIRA, 2005, p.57). Em 1904, a fotografia se tornará efetiva nos jornais diários a partir do momento em que o periódico inglês *Daily Mirror* passa a ilustrar suas páginas somente com fotografias.

## 2.1 O FOTOJORNALISMO EM MEIO AOS CONFLITOS

Mesmo com a descoberta da peculiaridade informativa da fotografia, foi a guerra quem proporcionou um terreno fértil à sua exploração. Os conflitos armados ocorridos entre os séculos XIX e XX transformaram a imagem no par ideal das reportagens realizadas, muitas vezes, diretamente dos campos de batalha.

A Guerra da Criméia (1853-1856), na Europa, foi a pauta da primeira reportagem fotográfica (OLIVEIRA e VICENTINI, 2009), feita pelo inglês Roger Fenton. As limitações oferecidas pelos equipamentos rudimentares da época e as recomendações de não expor a faceta cruel da guerra, produziram imagens que não a representavam de modo fidedigno: as fotografias mostravam soldados montados em seus cavalos, longe das linhas de frente, quase como se estivessem posando para as lentes. A intenção era ratificar a manutenção da guerra cobrindo-a com um manto de heroísmo. Tal situação causou estranheza ao grande público



devido às contradições entre as imagens divulgadas e os textos publicados em outros periódicos, como o *Times*. Neste ponto, a fotografia deixa de “inspirar o jornalismo no seu objetivo de ser as ‘lentes’ da sociedade, reproduzindo *ipsis verbis* a realidade” (TRAQUINA, 2005, p.38) e mostra seu outro lado, servindo de instrumento de disseminação ideológica que, nem sempre, corresponde à verdade.

Conflitos bélicos posteriores, como a Guerra Civil norte-americana ou de Secessão (1861-1865) e a Guerra Hispano-Americana (1898) apresentaram uma cobertura fotográfica mais realista, apesar de Alexandre Gardner, fotógrafo e repórter escocês, ter “construído” uma imagem ao deslocar o cadáver de um soldado abatido durante a Guerra de Secessão com o objetivo de obter um retrato mais artístico (Figura 5). Ao observar a imagem, detalhes que poderiam identificar a manipulação da imagem são bastante evidentes: a posição equilibrada do rifle no centro da cena e o fato do cadáver estar absolutamente estendido, inclusive com um apoio sobre a cabeça, como se fosse uma almofada que torna seu leito de morte mais confortável.



Figura 5 - "Dead confederate in the Devil's Den, Gettysbury, Pa." Fotografia "montada" por Alexander Gardner, em julho de 1863. Fonte: Library of Congress<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Disponível em <http://www.loc.gov/pictures/item/cwp2003000205/PP/>. Acesso em 17 mai.2015.

Em contrapartida, na opinião de Ferreira (2012) a Guerra Hispano-Americana conferiu à fotografia a clara intenção de publicação, pois eram elaboradas de forma a estamparem as páginas dos jornais.

Durante o conflito, os jornais dos EUA publicaram páginas inteiras com imagens dos combates em Cuba e Porto Rico. As fotografias deste conflito serão diretamente impressas sobre as páginas dos jornais, graças à invenção, por volta de 1880, do chamado processo de impressão a meio-tom. Entretanto, os processos de produção e impressão de fotografias ainda deixavam a desejar. Por algum tempo, ainda teremos jornais e revistas lançando mão de desenhos e gravuras para ilustrarem suas páginas já que, muitas vezes, as fotografias só eram publicadas dias, semanas ou mesmo meses após os acontecimentos (FERREIRA, 2012, p.2).

O século XX encontrou um novo panorama da fotografia. As câmeras eram mais leves e não necessitavam de longa exposição para capturarem a imagem. Embora os avanços tecnológicos tenham sido substanciais, a cobertura jornalística da Primeira Grande Guerra (1914-1918) sofreu sob as garras da censura. Entretanto, neste mesmo período é possível perceber que o ofício do fotojornalista passou a fazer parte da rotinização do trabalho dentro das redações.

A Primeira Guerra Mundial produziu pela primeira vez um fluxo constante de fotografias, que tendem a editar-se em suplementos ilustrados dos jornais. À época, alguns meios impressos dos EUA, Reino Unido, França e Alemanha possuíam já um staff de fotojornalistas, que cobrem os eventos de rotina e, por vezes, produzem um scoop, a "cácha" fotojornalística, a fotografia exclusiva, em primeira mão. No final da Grande Guerra, a maior parte dos grandes jornais já tinha ou estava em vias de ter a sua própria equipa de fotojornalistas. O The New York Times, por exemplo, instalou-a em 1922 (SOUSA, 1998, p.55).

No rastro do final da Primeira Guerra surge o fotojornalismo moderno. É nesta mesma época que, almejando se desvencilhar do ranço da manipulação de informações e censura de imagens, que são divulgados os primeiros manuais de fotojornalismo. O objetivo era conferir maior credibilidade ao fotógrafo e, conseqüentemente, ao jornalismo, além de desvencilhá-lo definitivamente dos conceitos artísticos inerentes à pintura (SOUZA, JASPER E KALIBERDA, 2013, p.6). Erich Salomon é um dos grandes ícones desta fase. Salomon foi o primeiro a capturar imagens de pessoas em interiores sem que elas percebessem que estavam sendo fotografadas, gerando imagens mais naturais, não posadas, fato que era bastante inovador. “Por isso foi chamado o início do fotojornalismo moderno e Salomon é por muitos considerado o primeiro ‘repórter fotográfico’” (BAPTISTA, 2002, p.29).

A Alemanha estava imersa em um espírito de liberdade política e econômica que, aliado à evolução dos equipamentos fotográficos, deu margem a abertura de diversas publicações ilustradas, como a *Berliner Illustrierte* e a *Muchner Illustrierte Presse* (OLIVEIRA e VICENTINI, 2009, p.28). O surgimento das câmeras Leica, Ermanox, além da utilização do *flash*, modificaram o trabalho do fotojornalista, oferecendo uma gama maior de possibilidades.

A forma como se articulava o texto e a imagem nas revistas ilustradas alemãs dos anos vinte permite que se fale com propriedade em fotojornalismo. Já não é apenas a imagem isolada que interessa, mas sim o texto e todo o “mosaico” fotográfico com que se tenta contar a história. As fotos na imprensa, enquanto elementos de mediatização visual, mudam: aparecem a fotografia cômica, os foto-ensaios e as foto-reportagens de várias fotos (SOUSA, 2002, p.17).

A ascensão de Hitler ao poder alemão, em 1933, foi um verdadeiro balde de água fria sobre o aflorante fotojornalismo europeu. Muitos dos nomes de destaque no ramo foram obrigados a refugiar-se em outros países do velho continente, como Robert Capa - lenda do fotojornalismo juntamente com Cartier-Bresson - que cobriu diversos conflitos bélicos, inclusive a Guerra Civil Espanhola (1936-1939); ou mesmo fugir para a América, como fez Alfred Eisenstaedt, co-fundador da revista estadunidense *Life*.

É importante destacar que apesar do período conturbado da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o fotojornalismo continuou a desenvolver-se. Na Europa ele era conduzido, principalmente, pelas revistas ilustradas e pelos ensaios fotográficos. Em contrapartida, nos Estados Unidos, o caráter documental ganhava força, tendo como exemplo marcante a criação do *Farm Security Administration* (Figuras 5 e 6), projeto dirigido por Roy E. Stryker com o objetivo de mostrar ao povo norte-americano a situação de precariedade e miséria em que vivia uma grande parte da população nas regiões agrícolas do país no período da depressão econômica norte-americana (OLIVEIRA, 1999).

Sousa (2002) classifica o período pós-Segunda Guerra Mundial como a primeira revolução do fotojornalismo, posto que, nesta época, o número de agências fotográficas se expandia. Entretanto, o conteúdo das imagens discorria, muitas vezes, acerca de banalidades, aproximando-se mais dos *fait divers*.



Figura 6 e 7 – Imagens de Florence Owens Thompson, retratada pela fotógrafa da Farm Security Administration, Dorothea Lange. Thompson se transformou na imagem da *Migrant Mother*<sup>8</sup> do período da Grande Depressão americana. (1936). Fonte: The Great Depression Photos<sup>9</sup>.

O fotojornalismo acompanhou de perto os avanços tecnológicos da época e sua evolução está intrinsecamente ligada a esse fator. Em 1935, a Telefoto possibilitou o envio de fotografias por intermédio das linhas telefônicas, tornando o processo mais ágil e eliminando a necessidade do envio de negativos através de terceiros. Esse fator e a compactação dos equipamentos fotográficos facilitaram o seu manuseio e transporte pelos fotógrafos. Mais tarde, já no início da década de 1990, a tecnologia digital promoverá mudanças semelhantes a estas, contudo em escala maior, sobre as práticas fotojornalísticas (MACIEL e BONI, 2006).

A segunda grande transformação do fotojornalismo, segundo Sousa (2002) repousa entre as décadas de 1960 e meados dos anos 1990, englobando dois grandes conflitos bélicos: as Guerra do Vietnã (1955 a 1975) e do Golfo (1991). Neste contexto, há a predileção pelas fotos de impacto, possíveis, principalmente, pelo “livre acesso” que a Guerra do Vietnã proporcionou. Tais imagens foram cruciais na construção da opinião pública acerca dos horrores no Vietnã e isto alertou os militares, que passaram a manter vigilância cerrada sobre os fotojornalistas. Por este motivo, alguns destes profissionais, principalmente vinculados a agências, estavam sempre em busca de formas de burlar a intransigência do controle dos militares (FERREIRA, 2005). Essa evidência demonstra que o ofício do fotojornalismo exige uma boa dose de coragem e perspicácia de seus profissionais, pois, nem sempre, as lentes dos fotógrafos são bem vindas em todos os ambientes.

<sup>8</sup> Tradução livre: A mãe migrante.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://thegreatdepressionphotos.com/essays/migrant-mother/>. Acesso em: 18 mai.2015.

À Guerra do Golfo, em contrapartida, não era permitida a mesma liberdade jornalística. Assim como foi aplicado na Guerra do Panamá, em 1989, os profissionais que trabalhariam na cobertura do conflito eram previamente selecionados e somente podiam fotografar os locais determinados pelos militares. Isto demonstrava uma clara tentativa de influenciar as informações disponibilizadas à imprensa. “As fotografias publicadas serviram para reforçar os padrões paralelos de ilustração de notícias em outros meios de comunicação” (FERREIRA, 2012, p.7).

A década de 1960 também foi marcada por protestos nos Estados Unidos e alguns deles foram imortalizados pelo fotojornalismo da época. Do outro lado do mundo o país lutava no Vietnã, mas as ruas americanas também estavam em ebulição. Em 7 de março de 1965, o fotógrafo James “Spider” Martin registrou os desdobramentos do “Domingo Sangrento” (Figuras 8 e 9), nome como ficou conhecido o dia em que mais de 600 participantes, liderados por Martin Luther King, em marcha pelo assassinato de um pastor negro por policiais brancos foram recebidos violentamente pelas tropas estaduais na cidade de Selma, no Alabama. O evento se transformou em um dos momentos mais relevantes da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos.



Figura 8 - Martin Luther King lidera a marcha pelos direitos civis dos negros americanos. Fotografia de James “Spider” Martin (1965). Fonte: Porter Briggs<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Disponível em: <http://porterbriggs.com/spider-martin-and-the-civil-rights-movement-changing-the-world-through-photography/>. Acesso em: 19 mai.2015.



Figura 9 - Manifestantes recebidos violentamente pela polícia na cidade de Selma, no Alabama. Fotografia de James “Spider” Martin (1965). Fonte: Revista Zum<sup>11</sup>

Especula-se que em determinado momento da marcha, Luther King repreendeu o fotógrafo Flip Schulke, que documentava um dos protestos em Selma, por ter optado por baixar a câmera e entrar na briga por conta de uma agressão de supremacistas brancos<sup>12</sup> a crianças negras. King teria dito à Schulke: “O mundo não vai saber que isso [a violência contra as crianças] ocorreu porque você não fez as fotos”. E acrescentou posteriormente: “Não estou sendo insensível, apenas é mais importante você registrar em foto essa brutalidade do que ser uma pessoa a mais metida na pancadaria” (HARAZIM, 2015).

Anos antes, em 1963, o então fotógrafo do *The New York Times*, Bill Hudson, fotografou os protestos pelos direitos civis em Birmingham, também no estado do Alabama (Figura 10 e 11). A cidade era conhecida pela fortíssima segregação aos negros e as disparidades sociais eram gritantes. Na ocasião, estudantes negros americanos organizaram um movimento de não-violência que culminou em um confronto público com a polícia. As

<sup>11</sup> Disponível em: <http://revistazum.com.br/colunistas/pb/>. Acesso em: 19 mai.2015.

<sup>12</sup> Indivíduos que apoiam a ideologia racista baseada na afirmação de que pessoas brancas seriam superiores a outros grupos raciais. Nos Estados Unidos, um dos grandes exemplos de disseminação e apologia à ideia de supremacia branca é a Klu Klux Klan (KKK). No auge da década de 1920, a KKK chegou a possuir 4 milhões de membros.

imagens produzidas por Bill Hudson estamparam a primeira página do periódico novaiorquino.



Figura 10 - Jovem é atacado por cachorro da polícia em protesto na cidade de Birmingham, no Alabama (1963). Fotografia de Bill Hudson. Fonte: The New York Times<sup>13</sup>.



Figura 11 - Estudantes negros são agredidos por um policial branco durante manifestação pelos direitos civis (1963). Fotografia de Bill Hudson. Fonte: Westward Bound<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/06/27/us/27hudson.html>. Acesso em 19 mai.2015.

É impossível olhar as imagens produzidas por James “Spider” Martin e Bill Hudson e não relembrar a cobertura dos protestos de junho de 2013 realizada por diversos coletivos midiáticos alternativos. A evidente truculência da polícia, a captura aproximada da imagem e a sensação de movimento que a fotografia encerra criam uma ponte evidente entre estes dois pontos da história, mesmo que separados por mais de meio século.

## 2.2 O FOTOJORNALISMO DIGITAL

A terceira revolução no fotojornalismo apontada por Sousa (2002) está intimamente ligada à evolução tecnológica nos campos computacional e comunicacional. Durante a década de 1970 já havia projetos de transmissão digital de imagens. A Câmara Escura (*AP Electronic Darkroom*), projetada inicialmente para receber imagens, armazená-las e retransmiti-las, possibilitava que a imagem fosse melhorada através do computador. Nos anos 1980, vários jornais na América e na Europa já utilizavam este tipo de tecnologia. Inclusive, o *Photoshop*, um dos programas mais utilizados atualmente para manipulação de imagens, foi inventado em 1989 (GIACOMELLI, 2000). É também nesta mesma época que começa a evidenciar-se uma produção fotojornalística com nuances industriais que culmina na “diminuição de freelancers, estabilização dos staffs nas empresas e à consequente maior convencionalização e rotinização do fotojornalismo” (SOUSA, 2002, p.27).

Durante os anos 1990 as câmeras digitais começam a chegar às redações e, aliadas à internet, causam grande impacto no cotidiano fotojornalístico. Os equipamentos digitais e os softwares de edição de fotografias são uma realidade que, se por um lado auxiliam no trabalho do jornalista, facilitando o processo de produção e gerenciamento de imagens, por outro acaba por tornar muito tênue a barreira entre a realidade “real” e a realidade “inventada”. Em 1992, a Kodak em associação com a Nikon, Canon e a agência de notícias Associated Press (AP) adaptam o modelo da câmara tradicional à tecnologia digital. A intenção era tornar mais fácil a transição dos fotojornalistas dentro desta nova tecnologia.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://westwardexhibition.wordpress.com/tag/civil-rights-movement-confrontations-with-police/>. Acesso em: 19 mai.2015.



Os técnicos das empresas consorciadas acreditavam que a substituição dos velhos processos seria mais fácil e menos oneroso se empregassem câmeras idênticas às já utilizadas, inclusive permitindo o aproveitamento dos acessórios (objetivas, filtros, flashes) das câmeras analógicas. O resultado foi o desenvolvimento da NC2000 totalmente digital e empregada pelos fotógrafos da Associated Press na decisão do SuperBowl (campeonato de futebol americano) de 1996, no Arizona, EUA (FERREIRA, 2005, p.88).

Os anos 2000 iniciaram-se logo com um das maiores catástrofes da história: o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001. As primeiras imagens do avião colidindo com a torre do *World Trade Center* não foram capturadas por fotojornalistas e nem por redes de televisão: os amadores emergiram como protagonistas desta missão. Isto foi possível pela democratização do uso de câmeras fotográficas digitais que, hoje, estão acopladas a vários equipamentos eletrônicos de uso pessoal. Sousa (2002) destaca que a televisão ainda é uma forte concorrente ao fotojornalismo e na ocasião dos ataques terroristas sua supremacia foi inquestionável. Contudo, o autor ressalta que isto não diminuiu a importância do fotojornalismo, posto que, no dia seguinte, os jornais se esgotaram nas bancas, pois, todos queriam rever aquelas imagens estarrecedoras e guardá-las na memória.

Anos mais tarde, um novo elemento vem movimentar ainda mais as dinâmicas relacionadas à atividade fotojornalista: os dispositivos móveis com acesso à *web*. A internet dinamizou o envio de informações e os telefones celulares, *tablets* e *smartphones* transformaram-se em mais um elemento catalisador da comunicação, principalmente após a sua conjugação com a grande rede e câmeras fotográficas acopladas. Isto se converteu em mais um desafio a ser enfrentado pelo fotojornalista, pois, agora, o imediatismo é palavra de ordem. A saga da fotografia desde seu início mais arcaico até os dias de hoje é uma verdadeira aventura proporcionada pela evolução da tecnologia. A reprodução e a distribuição de comunicação em massa, finalmente, se tornou uma realidade. “O retrato era agora coletivo e os cenários eram de todos” (KOSSOY, 2007, p.160).

A evolução do fotojornalismo mostra a constante procura em retratar o conflito, a tensão, aquilo que destoa da calmaria. Independente do modo como a imagem é imortalizada no papel, o fotógrafo captura algo que passa despercebido a olho nu e testemunha através de suas lentes a construção da história. Tais conjecturas tem fomentado o surgimento de novas formas de produzir o fotojornalismo, através de ações cidadãs e iniciativas de coletivos midiáticos alternativos que usam estas tecnologias para criar conteúdos a partir de uma perspectiva inovadora. Um grande exemplo desta nova era é a Mídia NINJA que, através da cobertura dos protestos de junho de 2013, inaugurou o possível futuro do fotojornalismo contemporâneo. Este é o ponto central que norteia os próximos capítulos deste trabalho.

### 3 OS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E AS REDES SOCIAIS

Junho de 2013 ficará marcado na memória dos brasileiros como o mês em que as ruas foram tomadas por gritos e palavras de ordem que exigiam melhores condições de vida. A capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, foi o palco dos primeiros protestos pela redução das passagens de ônibus. No dia 6 de junho o movimento chegou à cidade de São Paulo que, sob os brados de repúdio ao aumento de R\$0,20 (vinte centavos) nas tarifas de transporte urbano, mandava um recado a todo o país de que novos ares de mudança se aproximavam.

Contudo, aquilo que iniciou com um único assunto na pauta de reivindicação se amplificou nas vozes de milhões de pessoas e passou a abordar questões como saúde, educação, segurança, corrupção e os gastos com as obras da Copa das Confederações e do Mundo de Futebol, mostrando que o problema era maior do que o reajuste de vinte centavos na passagem. O dia 13 de junho de 2013 pode ser classificado como aquele em que se delineava um dos maiores levantes populares desde o *impeachment* do ex-presidente da república, Fernando Collor de Mello: protestos simultâneos foram registrados em diversas cidades do país e a tendência se estendeu pelos dias posteriores, inclusive com a ocupação da parte externa do Congresso Nacional, em Brasília, por uma multidão de pessoas, em 17 de junho.

Em meados do ano de 1992, a convocação de manifestantes para os protestos pela deposição do presidente Collor demandou muito esforço. Os integrantes dos movimentos que formavam os Caras-Pintadas dispunham somente de telefones fixos e faxes e, através deles, coordenavam as ações dos grupos militantes e criavam calendários nacionais de manifestações. Apesar de ser um processo lento, milhares de jovens compareceram aos protestos naquele ano dando vida ao movimento Fora Collor. Diferentemente da década de 1990, os protestos de 2013 foram arregimentados através da internet e isto ajudou a propagá-los, tornando mais eficiente sua disseminação. Neste contexto, as redes sociais mostraram sua força como plataforma favorável ao ativismo.

Hoje as populações reunidas nos movimentos sociais e ações coletivas não precisam que os intermediários falem por elas através das mídias de massa e instituições políticas. A Internet gerou uma mídia livre impulsionada por milhões de blogueiros e fermentada pelas redes sociais. A Internet se revelou um megaespaço público onde qualquer um tem voz e pode falar por si mesmo. Isto permitiu que os movimentos

sociais falem diretamente através de seus manifestantes sem precisar que líderes e porta-vozes sequestrem seus interesses em nome de fanatismos ideológicos e voracidade econômica (MALINI e AUTOUN, 2013, p.157).

Em um artigo publicado no site Observatório da Imprensa, o jornalista Rodrigo Ramthum<sup>15</sup> define a internet como “a verdadeira cabeça do movimento”, pelo fato de a comunicação e agendamento dos protestos terem sido articulados através da web, em uma aparente ausência de liderança central, fato que poderia justificar o pleito de pautas tão variadas. Entretanto, Ramthum enfatiza que a falta de um porta-voz oficial não exclui a presença de lideranças compartilhadas entre alguns grupos influentes como o Movimento Passe Livre<sup>16</sup> e o Anonymous BR<sup>17</sup>.

Nos últimos anos, as redes sociais cresceram tanto em número de usuários quanto em número de opções (Facebook, Twitter, Instagram, Google + etc). Com a chegada das classes C e D, em grande parte devido à popularização dos smartphones, e também da camada mais envelhecida da população, motivada pela simplificação da interface e aprimoramento da navegação, essas redes sociais passaram a agregar os mais diferentes pontos de vista sobre os mais variados temas. Bastam apenas algumas poucas horas em uma dessas redes sociais para notar o imenso volume de informações despejadas a cada minuto pelos usuários; todo mundo tem algo a dizer e essas redes proporcionam um espaço adequado para tais manifestações pessoais (RAMTHUM, 2013).

Usando *hashtags*<sup>18</sup> como “o gigante acordou” e “vem pra rua”, as massas conectadas à internet utilizaram as redes sociais não somente como um ponto de encontro para decidir o dia, a hora e o local dos protestos, mas como um arena de debate e confronto de opiniões, além de um meio propagador de informações. Peruzzo (2013) classifica esta como uma das características que possibilitou mobilizar as pessoas no ambiente interno do ciberespaço. A autora relembra que os protestos de junho de 2013 foram um acontecimento imprevisto, mas, de qualquer forma, esperado, principalmente pelos problemas sociais

<sup>15</sup> RAMTHUM, Rodrigo. Um ensaio sobre o mês de junho. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed755-um-ensaio-sobre-o-mes-de-junho-de-2013/>. Acesso em 09 mai.2015.

<sup>16</sup> O Movimento Passe Livre é uma organização social que defende a extinção da cobrança de tarifas em transportes públicos. O movimento foi fundado em Porto Alegre, no Fórum Social Mundial, em 2005.

<sup>17</sup> Grupo de hackers e ativistas que atuam como uma comunidade online de forma anônima e coordenada, geralmente em favor de questões sociais.

<sup>18</sup> *Hashtags* são palavras-chave precedidas pelo símbolo “#”, popularmente conhecido como “jogo da velha”. As *hashtags* são utilizadas para categorizar conteúdos postados nas redes sociais, criando interações entre os assuntos relacionados a ela, tornando mais fácil o acesso do usuário a estes conteúdos. Através das *hashtags*, o usuário conseguirá acessar todas as informações vinculadas àquela *tag* dentro da rede social e a ele será permitido curtir, compartilhar ou comentar.

enfrentados pelo Brasil e pelo contexto internacional que se desdobrava em diversos levantes populares pelo mundo.

O inusitado é que o “gigante” acordou, assim de repente, sem que ninguém esperasse. Em épocas passadas seu despertar sempre foi devido a uma programação, um planejamento de lideranças e instituições que se organizavam para fazê-lo sair do torpor. Dessa vez, ele levantou-se sozinho, por força das doenças que lhe deixavam mal. Nas entranhas do seu organismo surgiu como novidade uma forma inédita de comunicação, a internet, aliada as redes sociais seu corpo foi convocado a um só tempo para acordar (LEITÃO, 2013, p.51).

Cammaerts (2013) corrobora as conclusões de Peruzzo (2013) afirmando que redes sociais como Facebook, Twitter e YouTube “emergiram como ferramentas poderosas para ativistas e movimentos para distribuir contra-narrativas e facilitar a mobilização de massas” (p.15). O autor complementa afirmando que não se pode negar que a ascensão destes ambientes midiáticos aumentou o repertório de ação dos militantes, potencializando seu campo de influência.

As redes sociais tem viabilizado a articulação e organização de manifestações de rua, não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Esta nova configuração tecnológica deu margem ao ativismo no ciberespaço e conferiu aos cidadãos um canal de comunicação que possibilita o questionamento da realidade, instigando um sentimento de cidadania. A passividade dos brasileiros foi desafiada pelos apelos que inundavam as redes sociais em junho de 2013 e convidou milhões de pessoas a ocuparem as ruas e manifestarem suas próprias demandas e denunciarem as mazelas do país.

Estes eventos ficarão na história, talvez como a primeira maior mobilização social do país que integrou os ambientes físicos e virtuais para o bem comum, para a busca pela democracia, a difusão de informações e conhecimentos e cidadania. Acreditamos que é só o começo e ainda há muitas falhas e diversos aspectos a serem melhorados. Apesar disso, a população já tem em suas mãos o principal instrumento para emancipação social e desenvolvimento: o poder (ALMEIDA, 2013, p.89).

### 3.1 ASCENSÃO DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS: A ERA DA CONVERGÊNCIA

As imagens dos protestos de junho de 2013 foram transmitidas em tempo real para todo o mundo e geraram um verdadeiro turbilhão de compartilhamentos nas redes sociais. Manifestantes, jornalistas profissionais e amadores utilizaram celulares, *smartphones*

e *tablets* para testemunhar um capítulo importante da história nacional. Tal cenário trouxe à mesa de debates a conveniência do uso de dispositivos móveis conectados à grande rede, para viabilizar a produção e o acesso à notícia.

[...] o crescente acesso aos dispositivos móveis e a disseminação do uso das redes sociais têm contribuído amplamente para a constituição de tal quadro, na medida em que tornaram-se importantes instrumentos para essas lutas. O emergente paradigma comunicacional provocado em parte pela difusão das novas tecnologias de informação e comunicação tem gerado uma tônica de produção e difusão de informação, fomentando a participação dos indivíduos em um processo de conversação e criação de ambiências de relacionamento marcados pela lógica da colaboração em rede (GOVEIA et al., 2014, p.3).

Tal como afirma Silva (2011), estes equipamentos reposicionaram o que até recentemente se conhecia da relação entre jornalismo e mobilidade principalmente por possibilitarem práticas inovadoras relativas ao seu uso. O autor cita o Jornalismo Móvel (*mojo*)<sup>19</sup> como uma das consequências do emprego dos dispositivos móveis ligados à internet: estes profissionais produzem suas reportagens, editam materiais e os enviam do local onde estão, que pode ser a quilômetro de distância da redação. Estes aparatos também permitem a realização de transmissões ao vivo, transformando a notícia em um produto quase instantâneo.

A confluência de variadas funções em um único aparelho faz dos dispositivos móveis uma ferramenta importante no atual cenário da comunicação. Lemos (2007) os classifica como instrumento maior “da convergência tecnológica e da possibilidade de exercício efetivo dessa ‘rebelião’ política, mas também de constituição de relações sociais por contato imediato, seja através de voz, SMS, fotos ou vídeos” (p.131).

Contudo, segundo Jenkins (2009), supor que a convergência é somente o processo tecnológico de unir dezenas de funcionalidades em um mesmo equipamento é extremamente limitador. O autor afirma que a convergência é uma transformação cultural, que pode ser compreendida como a movimentação de conteúdos através de numerosas plataformas de mídia, a relação cooperativa entre mercados midiáticos e a autonomia dos públicos dos meios de comunicação em escolher aquilo que desejam consumir e modificar suas escolhas, caso estas não os satisfaçam mais.

Após diversas revoluções tecnológicas, entramos em uma nova era onde a convergência midiática, ao transformar o antigo em moderno, alia plataformas e linguagens por meio de aplicativos e programas pré-estabelecidos que promovem a

---

<sup>19</sup> A sigla *Mojo* vem da expressão em inglês que significa *Mobile Journalism* ou *Jornalismo Móvel*. Este termo, basicamente, diz respeito ao jornalismo realizado através de dispositivos móveis ligados à internet.

integração da informação em diferentes suportes, rompendo o limite entre espaços concretos e subjetivos da comunicação (OLIVEIRA, 2012, p.124).

Bittencourt (2014a) acrescenta que “a convergência agrega a atuação de indivíduos que, munidos das mais diversas tecnologias, ressignificam modos de produção e consumo, conseqüentemente reestruturando o fluxo de circulação de conteúdos midiáticos” (p.78). Em seu estudo, Bittencourt se baseia na ideia de “mídia do espalhamento”, proposta por Jenkins, Ford e Green<sup>20</sup>, que trata das mudanças provocadas pela apropriação e uso das tecnologias digitais pelo grande público, proporcionando uma reconfiguração nos processos de produção, circulação e consumo. A autora reitera que tais características se encaixam no conceito de convergência e vão ao encontro da ação praticada pelos coletivos midiáticos alternativos que cobriram os protestos de junho de 2013.

Munidos de *smartphones*, celulares com acesso à internet e demais dispositivos móveis, estes coletivos midiáticos se propuseram a registrar as manifestações de modo alternativo, em uma tentativa de se contrapor às tradicionais redes de comunicação.

[...] o jornalismo atual não se faz apenas para o público, se faz com o público. As mídias alternativas e independentes, por sua vez, ganham força na Internet e passam então a contra-argumentar com a grande mídia, apresentar novos pontos de vista, enquadramentos, fontes, etc., não só para responder ao discurso midiático, mas para construir seu próprio discurso (ALMEIDA e EVANGELISTA, 2013, p.4).

Renó e Daconsky (2014) apontam que este cenário de convergência midiática que tem influenciado de maneira tão contundente o jornalismo, mesmo que, no caso dos coletivos alternativos, seja produzido também por amadores, revela também um ângulo de divergência, posto que se encaminhe para o lado oposto à mídia tradicional. Os autores enfatizam que esta diversidade de discursos é afinada com o conceito de Jornalismo Cidadão, também chamado de Jornalismo de Fonte Aberta, que consiste em uma forma laboral que “acrescenta uma nova gama de pessoas que também podem fazer notícias, prezando pela livre expressão e fugindo dos padrões mercadológicos” (TEIXEIRA, 2012, p.81). O Jornalismo Cidadão serve de combustível aos coletivos midiáticos alternativos, cujo expoente emblemático atual é a Mídia NINJA.

O próximo capítulo analisará a cobertura fotojornalística da Mídia NINJA sobre os protestos de junho de 2013, buscando identificar quais elementos fundamentaram sua ação.

---

<sup>20</sup> JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture. New York University, 2013.

#### 4 A MÍDIA NINJA E A AÇÃO COLABORATIVA NOS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013

Durante os protestos de junho de 2013 a internet foi o grande campo de batalha onde duelaram os veículos tradicionais de comunicação e os jornalistas independentes. *Tweets*, curtidas, compartilhamentos e postagens nas redes sociais transformaram a web em uma efusão de imagens, vídeos e relatos que vinham diretamente do meio das massas que tomaram as ruas do país. Neste ponto se destaca a Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), mídia alternativa surgida a partir do Coletivo Fora do Eixo, em 2013, e liderada pelo jornalista Bruno Torturra e pelo produtor cultural do coletivo, Pedro Capilé. O trabalho do grupo se fundamenta na ação colaborativa entre os “ninjas” – como se denominam os integrantes do coletivo - para divulgação de coberturas jornalísticas de mobilizações sociais.

Atualmente, o perfil da Mídia NINJA no Facebook possui 310.488 seguidores<sup>21</sup>. O grupo também gerencia um site, que não existia na época dos protestos de junho 2013. Neste espaço, conteúdos como reportagens, inclusive de cunho investigativo, são priorizadas, ao contrário do perfil na rede social que sempre evidenciou o trabalho fotográfico e se limitou à postagem de pequenas linhas de texto.

Segundo a descrição contida no site do coletivo<sup>22</sup>, a Mídia NINJA é “uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, agindo e comunicando”.

Apostamos na lógica colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, para realizar reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo. Nossa pauta está onde a luta social e a articulação das transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais se expressa (SITE DA MÍDIA NINJA, 2015).

Autores como Almeida e Evangelista (2013) definem estes grupos jornalísticos independentes como frutos do midialivrisimo, ou ativismo midiático, fenômeno resultante do atual momento de ressignificação do jornalismo tradicional. O espaço gerado por essa

---

<sup>21</sup> Perfil da Mídia NINJA no Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/midiaNINJA?fref=ts>. Acesso em: 20 mar.2015.

<sup>22</sup> Na opção Quem Somos, no site da Mídia NINJA, o grupo acrescenta uma breve descrição acerca dos princípios que norteiam sua ação. Disponível em: <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about> (Acesso em 19 abr.2015)

transição permite às mídias independentes se espalharem pelo ciberespaço e oferecer produtos noticiosos diferentes daqueles disponíveis habitualmente. Bittencourt (2014b) reforça esta prerrogativa e salienta que as ferramentas de comunicação digitais favorecem a emergência de grupos militantes, viabilizando transformações nos processos de produção, circulação e consumo dos conteúdos concebidos por eles. Os próprios integrantes da Mídia NINJA reconhecem que a internet e as tecnologias inerentes a ela são os principais fatores que tornaram possível o surgimento desta nova realidade.

A Internet mudou o jornalismo e nós fazemos parte dessa transformação. Vivemos uma cultura peer-to-peer (P2P), que permite a troca de informações diretas entre as pessoas, sem a presença dos velhos intermediários. Novas tecnologias e novas aplicações têm permitido o surgimento de novos espaços para trocas, nos quais as pessoas não só recebem mas também produzem informações. Neste novo tempo, de redes conectadas às ruas, emergem os cidadãos-multimídia, com capacidade de construir sua opinião e compartilhá-la no ambiente virtual. Articulados, esses novos narradores fazem a Mídia NINJA (SITE DA MÍDIA NINJA, 2015).

A atenção voltada à Mídia NINJA se justifica pelo fato de o Jornal Nacional, da rede Globo, ter retransmitido imagens produzidas pela mídia alternativa<sup>23</sup>. Na opinião de Vieira (2013) isto “já representa uma ‘ocupação’ para além do asfalto e da calçada”, apesar de não significar uma ameaça aos impérios midiáticos nacionais. O autor ainda enfatiza “que não se trata de encarar a Mídia Ninja como uma manifestação jornalística, mas sim a expressão de um momento social”(p.3).

Independente de poder ser definida como jornalismo ou não, o surgimento da Mídia NINJA fomentou a necessidade de novas reflexões a fim de atualizar o modo de fazer jornalismo. Um mês após os protestos de junho de 2013, o jornalista Alberto Dines comentou, em reportagem de Lilia Diniz, no Observatório da Imprensa na TV<sup>24</sup> que a

“Mídia ninja” passou a simbolizar uma forma individual de colher e transmitir informações, notícia em estado bruto, sem passar pela cosmética da edição. Para alguns, mídia ninja é também um jornalismo ativista, militante, capaz de romper o conformismo dos meios tradicionais (DINIZ, 2013).

---

<sup>23</sup> Vídeo da edição do Jornal Nacional, exibida em 24 de jul.2013, em que material da Mídia NINJA é retransmitido em uma das reportagens. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mmcqP52R9Dk>. Acesso em: 11 de mai.2015.

<sup>24</sup> DINIZ, Lília. “O jornalismo em tempo real da mídia ninja”. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o\\_jornalismo\\_em\\_tempo\\_real\\_da\\_midia\\_ninja](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_jornalismo_em_tempo_real_da_midia_ninja). Acesso em: 20 mar.2015.



A Mídia NINJA mostrou seu diferencial e surgiu como alternativa aos veículos de comunicação já estabelecidos pelo fato de se aproximar da notícia, registrando-a *in loco*, e narrá-la de forma partidária, ação totalmente repudiada pelo jornalismo tradicional que postula a primazia da imparcialidade.

[A Mídia NINJA] Diferencia-se, também, por narrar os fatos *in loco*, sem edição (durante as manifestações, a Ninja está apenas cobrindo os protestos ao vivo, emitindo o vídeo sem cortes). Além disso, os recursos técnicos são bem inferiores aos das grandes empresas (um celular com câmera de 2 a 5 megapixels e um notebook garantem horas de transmissão). Mas, mais que a câmera em primeira pessoa, a proximidade do cinegrafista em relação à ação, o que chama a atenção é que o repórter é também um participante e testemunha ocular dos eventos: um narrador-personagem dos fatos (ALMEIDA e EVANGELISTA, 2013, p.8).

O número de repórteres ninjas que participaram da cobertura dos protestos em junho de 2013 é indefinido. Em agosto de 2013, Bruno Torturra declarou ao site da BBC Brasil<sup>25</sup> que o Coletivo contava com centenas de colaboradores eventuais e que, após a repercussão das manifestações, cerca de 1.500 pessoas se inscreveram para trabalhar para a Mídia NINJA. Reportagem de Ronaldo Bressane, da revista Piauí<sup>26</sup>, à época dos protestos, descrevia que o kit dos ativistas para as situações de rua incluía celular, laptop e baterias acondicionados em uma mochila. O conjunto de equipamentos da equipe era constituído por um carrinho com duas câmeras, mesa de corte, microfones, gerador e caixas de som.

As ações do coletivo foram noticiadas dentro e fora do Brasil. O jornal norte-americano *The New York Times* mencionou a Mídia NINJA<sup>27</sup> em uma de suas reportagens, abordando a cobertura jornalística dos protestos. No periódico inglês *The Guardian*<sup>28</sup>, os repórteres ninjas mereceram um espaço maior. A reportagem em questão repercute as manifestações no Brasil e salienta o crescimento da popularidade e influência da Mídia NINJA durante este período, principalmente por proporcionar um canal de divulgação do descontentamento popular em relação à política e à mídia. Ela, inclusive, cita que a Globo,

<sup>25</sup> COSTA, Camilla. Sob holofotes, Mídia Ninja quer ampliar alcance. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130805\\_midia\\_ninja\\_cc](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130805_midia_ninja_cc). Acesso em 24 abr.2015.

<sup>26</sup> BRESSANE, Ronaldo. A guerra dos memes. Disponível em: <http://revistapiauui.estadao.com.br/edicao-82/esquina/guerra-dos-memes>. Acesso em 21 abr.2015

<sup>27</sup> Link da reportagem do *The New York Times* citando do Mídia NINJA, veiculada no dia 20 jun.2013, sob o título “*Sweeping Protests in Brazil Pull In an Array of Grievances*”. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2013/06/21/world/americas/brazil-protests.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2013/06/21/world/americas/brazil-protests.html?_r=0). Acesso em 24 abr.2015

<sup>28</sup> Link da reportagem do *The Guardian* sobre o Mídia NINJA, veiculada no dia 29 ago.2013, sob o título “*Brazil’s ninja reporters spread stories from the streets*”. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2013/aug/29/brazil-ninja-reporters-stories-streets>. Acesso em 24 abr.2015.

“colosso da mídia no Brasil”, passou a seguir histórias que a Mídia NINJA já havia começado a cobrir anteriormente.

Os protestos de junho de 2013 se tornaram um marco não somente para a história do Brasil, mas também, assinalou o despontar de uma forma inovadora e alternativa de usar as tecnologias comunicacionais em prol da cobertura de conflitos de rua.

O fotojornalismo também foi inserido na pauta de discussão a partir do surgimento da Mídia NINJA, principalmente pelo fato de a fotografia ser um dos principais elementos utilizado pelo coletivo. Há vários anos o fotojornalismo e o papel do fotojornalista vêm sendo colocado em xeque e motivado o questionamento de diversos autores (FERREIRA, 2012; SILVA JÚNIOR, 2012; OLIVEIRA, 2012; PERSICHETTI, 2006, MUNHOZ, 2005). Estes estudiosos indagam se a massificação do uso de equipamentos fotográficos, em especial acoplados a aparelhos celulares, pode transformar qualquer pessoa que possua este tipo de equipamento em um possível fotojornalista. Alguns veículos de informação até estimulam seus usuários a enviarem material às redações para, quem sabe, encontrar novas pautas ou ilustrar suas reportagens. Esta seria uma das bases que sustenta o Jornalismo Cidadão.

No Brasil, o jornal *O Estado de S.Paulo* foi o primeiro a adotar este processo, seguido depois pelo portal *Terra* e pelo jornal *O Globo*. O fato em si não é novo. Desde sempre fotografias de alguns acontecimentos, especialmente os trágicos, foram registradas antes por amadores e em seguida por profissionais. Talvez, anteriormente ninguém tinha se dado ao trabalho de discutir este assunto. Foi a nova tecnologia que o trouxe à baila (PERSICHETTI, 2006, p.9).

Este assunto, contudo, será discutido adiante.

#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Durante todo o mês de junho de 2013 houve 136 postagens no perfil da Mídia NINJA no facebook, sendo que nos dias 3 e 10 do mês em questão não ocorreram publicações. Deste total, 17 postagens (13%) foram lincadas com coberturas ao vivo das

manifestações através da Pós TV<sup>29</sup> usando o *TwitCasting*<sup>30</sup>, voltado especialmente para a transmissões *streaming*.<sup>31</sup> Entre os dias 1 e 9 de junho os temas das fotografias postadas variaram entre a Marcha da Maconha, em São Paulo e Santa Catarina; manifestação de moradores da cidade de Santa Cruz do Arari, no Pará, após o prefeito oferecer recompensas por animais de rua que fossem mortos; XI Caminhada de Lésbicas e Bissexuais de São Paulo; 17º Parada Gay, na capital paulista; ocupação de habitações abandonadas em Belo Horizonte; Marcha das Vadias, no Amapá; Ato Turquia Livre, em São Paulo; além da cobertura dos protestos na Turquia, iniciados após a derrubada de árvores do Parque Gezi, na capital turca, para a construção de um shopping center. Este teria sido o estopim da onda de protestos que se espalhou por todo país. Entretanto, durante este ínterim, nos dias 6 e 7 de junho, a Mídia NINJA já cobria os protestos ocorridos em São Paulo contra o aumento das tarifas de ônibus urbano.

O coletivo cobriu protestos em diversos estados do país, como São Paulo, Amazonas, Pará, Amapá, Ceará, Rio Grande do Sul, Alagoas, Espírito Santo, Paraíba, Santa Catarina, Mato Grosso, Goiás, Piauí, Pernambuco, Tocantins, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Distrito Federal, quando o Congresso Nacional foi tomado por manifestantes na chamada “Marcha do Vinagre”, configurando um dos episódios mais emblemáticos deste período.

Ao longo do mês de junho de 2013 foram postadas 656 imagens no perfil da Mídia NINJA, sendo que os dias 1, 9 e 29 tiveram atividade mais intensa cobrindo a Marcha das Vadias, o Ato Turquia Livre e uma das manifestações ocorridas em Belo Horizonte contra o aumento das tarifas do transporte coletivo, respectivamente.

Tabela 1 – Imagens postadas no perfil da Mídia NINJA durante as três dezenas do mês de junho de 2013.

<b>Dezenas do mês de junho de 2013</b>	<b>Quantidade de imagens postadas</b>
1º a 10 de junho	255
11 a 20 de junho	186
21 a 30 de junho	215

Fonte: tabela desenvolvida pela própria autora.

<sup>29</sup> Pós TV é a mídia digital independente da NINJA e surgiu em 2011. Ela está ancorada no movimento nacional Circuito Fora do Eixo. Durante os protestos de 2013, a audiência da Pós TV alcançou picos de audiência de até 120 mil espectadores. Esse número significa uma marca de 1,2 pontos no Ibope.

<sup>30</sup> Canal de transmissão ao vivo via internet (<http://us.twitcasting.tv/>).

<sup>31</sup> Streaming (fluxo de mídia) é uma via de distribuição de dados, geralmente multimedia, através da Internet. Pelo streaming, as informações não são armazenadas no próprio computador do usuário, ele recebe o *stream* e o conteúdo é arquivado temporariamente, somente enquanto ele o visualiza. Deste modo, o conteúdo streaming não ocupa espaço no disco rígido (HD).

Para efeito de análise, devido ao grande número de imagens coletadas ao longo do mês de junho de 2013, optou-se por escolher três eventos bastante representativos durante o período em questão. São eles os episódios ocorridos nos dias 17, 26 e 30 de junho de 2013, que se referem à Marcha do Vinagre, em Brasília; o 5º Grande Ato contra o aumento das passagens de transporte público, em Belo Horizonte; e, manifestação contra os gastos com a, então eminente, Copa das Confederações, na cidade do Rio de Janeiro, respectivamente. Uma das fotografias relativas ao protesto na capital mineira ocorrido no dia 26/06/2013 também foi incluída no grupo amostral, apesar de ter sido postada somente no dia seguinte, dia 27 de junho de 2013.

Deste modo, a amostra selecionada para análise compreende 54 fotografias.

#### 4.2 ANÁLISE DA AMOSTRA

Dentre as 54 fotografias postadas durante os eventos ocorridos nos dias 17, 26 e 30 de junho de 2013 (Marcha do Vinagre, em Brasília; o 5º Grande Ato contra o aumento das passagens de transporte público, em Belo Horizonte; e, manifestação contra os gastos com a Copa das Confederações, na capital carioca, respectivamente) somente uma delas possuía o crédito de seu autor (Figura 12), representando 1,85% das imagens analisadas. A fotografia em questão é de autoria de um dos ativistas do coletivo Mídia NINJA e foi postada no dia 27 de junho, apesar de testemunhar o protesto do dia anterior. Ela retrata uma multidão de manifestantes próximos e sobre um dos viadutos da capital mineira. Além disso, a imagem também exibe uma enorme fogueira e uma faixa que diz “*Unfair Play*”<sup>32</sup>.

Este dado é 1% menor do que à proporção encontrada durante todo o mês. Dentre as 656 fotografias postadas entre 01 a 30 de junho de 2013, apenas 19 delas continham os créditos de autoria das imagens, representando 2,89%. Tal circunstância aponta uma tendência que se perpetuou durante todo o mês em questão e não somente nos eventos selecionados para a amostra. Entre estas postagens há imagens de vários outros coletivos que desempenham função semelhante a da Mídia NINJA.

---

<sup>32</sup> Em tradução livre: Jogo Injusto.

Tabela 2 – Quantidade de imagens postadas durante os dias escolhidos para análise amostral.

Data da postagem	Quantidade de imagens postadas
17 jun. 2013	6
26 jun. 2013	29
27 jun. 2013	1
30 jun. 2013	18

Fonte: tabela desenvolvida pela própria autora.

Quanto à presença de fotografias de outros coletivos na *timeline*<sup>33</sup> da Mídia NINJA, durante todo o mês de junho foram contabilizadas 8 fotografias. Entre estes coletivos estão o Maria Objetiva (facebook.com/MariaObjetiva), Coletivo Sem Fronteiras (facebook.com/ColetivoSemFronteiras), Redes da Maré (facebook.com/redesdamare), Coletivo Ocupa Alemão (facebook.com/OcupaAlemao) e Coletivo Nigéria (facebook.com/coletivoNigeria). Assim como na Mídia NINJA, nem todas as imagens publicadas recebem os nomes de seus criadores.



Figura 12 - Postagem exibe a única fotografia com crédito de autor dentre as imagens da amostra.

<sup>33</sup> Linha do tempo que exibe todas as postagens feitas pelo usuário de um perfil no Facebook.

Em resumo, a maioria esmagadora das imagens é creditada ao coletivo, passando, desta forma, a não pertencerem ao individual, mas ao ideal de coletivismo ensejado por estes grupos. Parte desta concepção advém do conceito de colaboração que permeia a criação destes conjuntos. Isto representa uma verdadeira cisão no ideário que sempre ligou a fotografia ao seu criador, em uma simbiose que, até então, não permitia a entrada de outros sujeitos. Este entendimento é uma herança que se perpetua desde a mais remota experiência de fotografar, a Câmara Escura, onde somente uma pessoa podia operá-la por vez. Contudo, tais informações suscitam alguns questionamentos acerca das consequências que pesam sobre o fotojornalismo tal como o conhecemos:

- a inclinação do fotojornalismo realizado de forma colaborativa, praticado pela Mídia NINJA, em não creditar as imagens ao fotógrafo, seria um retrocesso na questão dos direitos autorais;
- o jornalismo cidadão poderia implicar na precarização do trabalho do fotojornalista profissional;
- os dispositivos móveis, como celulares e *smartphones*, permitiram um novo tipo de cobertura fotojornalística de manifestações populares.

O próximo capítulo discutirá tais indagações, analisando os principais aspectos envolvidos nos pontos identificados, através da discussão de conceitos e de como eles se relacionam para construir o fotojornalismo praticado pela Mídia NINJA e suas possíveis reverberações sobre as rotinas do ofício.

## 5 DISCUTINDO O FOTOJORNALISMO DA MÍDIA NINJA

A Mídia NINJA, no contexto dos protestos de junho de 2013, realizou um trabalho de cobertura do evento que chamou a atenção por divergir do modelo praticado usualmente pela grande mídia. O fotojornalismo também foi colocado em debate, pelo fato de a NINJA ter desenvolvido uma produção fotográfica que primou pela qualidade e mostrou de maneira bastante aproximada os fatos que se desenrolavam pelas ruas do país.

Nos capítulos seguintes serão propostas algumas discussões acerca dos aspectos identificados durante a análise da amostra fotográfica da Mídia NINJA durante os protestos. Estes aspectos trazem consigo particularidades que podem permear as mudanças pelas quais tem passado o fotojornalismo. A questão do crédito coletivo, a efetiva participação do jornalismo cidadão e a ascensão do uso dos dispositivos móveis tem em comum a evolução dos aspectos tecnológicos relacionados à comunicação, além de revelar uma mudança na forma das pessoas manipularem e pensarem esta realidade.

### 5.1 O FOTOJORNALISMO E OS DIREITOS AUTORAIS

Historicamente, diversas batalhas foram travadas até que os fotógrafos recebessem os créditos de autoria por suas próprias imagens. No século XIX, eles eram obrigados a enfrentar batalhas judiciais para terem assegurados seus direitos de criação, posto que nesta época, a fotografia não era considerada arte, mas sim, uma apropriação da realidade. Fabris (2003) cita o caso de Mayer e Pierson, dois fotógrafos que, em 1861, tiveram suas imagens reproduzidas indiscriminadamente e exigiram diante do tribunal francês a aplicação das leis sobre direitos autorais existentes àquela época. Elas ditavam que “nenhuma obra poderia ser publicada, traduzida, reproduzida, executada ou representada sem a autorização do autor” (p.3). Apesar disso, em um primeiro momento, os fotógrafos foram derrotados pelo fato de estas determinações serem aplicáveis somente às obras de arte. Entretanto, em 1862, sob a argumentação de que “verdade e beleza, na realidade, são atributos tanto da fotografia quanto das artes plásticas” (p.4) e que o fotógrafo estabelece um processo criativo anterior a criação da imagem, Mayer e Pierson ganharam a ação de direitos autorais.

Décadas mais tarde, em tempos de fotojornalismo já estabelecido como prática profissional, os anseios da consolidação dos direitos autorais sobre a fotografia ficam evidentes quando Mathew Brady, fotógrafo oficial de Lincoln e um daqueles que cobriram a Guerra de Secessão, é acusado por seus colaboradores de assinar todas as fotografias, omitindo seus verdadeiros autores (SOUSA, 1998).

A posse dos negativos também era uma querela existente entre os fotojornalistas, pois, geralmente, sua posse pertencia ao contratante. Sousa (1998) descreve que em 1947, em uma atitude sem precedentes, um grupo de autores-fotógrafos reclamou a propriedade dos negativos, além do direito de assinarem suas próprias obras, entre outras demandas. Neste mesmo ano, os grandes ícones do fotojornalismo mundial Robert Capa, David Seymour, Cartier-Bresson e George Rodger, comungando da mesma ânsia de liberdade fotojornalística e respeito à integridade de sua obra, criaram a lendária agência Magnum. As agências de fotografia são um exemplo singular de trabalho fotojornalístico operado de forma colaborativa.

[...] a Magnum foi responsável por grandes transformações na linguagem e em métodos de trabalho e pelo registro de grandes fatos que marcaram a segunda metade do século XX. A agência sempre defendeu a liberdade e a independência de seus fotógrafos, o direito aos negativos, à assinatura e à edição do próprio ensaio fotográfico, e acabou ganhando uma aura mítica devido à qualidade do trabalho, à fotografia de autor, a seu espírito livre e à integridade moral e humanista de fotógrafos e fotos. Além disso, a fotografia declara-se como uma empresa mundial, pois, para a Magnum, eram irrelevantes tanto a nacionalidade do fotógrafo quanto a filiação jornalística nacional (BARCELOS, 2009, p.17).

Se na Europa a Magnum surgiu como um símbolo de reivindicação dos direitos sobre os créditos na fotografia, no Brasil o Prêmio Esso de Reportagem<sup>34</sup> propiciou uma grande contribuição neste pleito. Na década de 1960, as fotografias contidas nas reportagens não recebiam identificação de autor, ao contrário dos textos das matérias que tinham os créditos do repórter que a redigira.

[No Prêmio Esso] a fotografia era avaliada e selecionada, mas quem recebia o prestígio por sua qualidade era o fotógrafo responsável por sua feitura, apontando para uma perspectiva contrária a idéia da imagem técnica objetiva, puramente mecânica. A relevância do reconhecimento da subjetividade autoral permeou as discussões empreendidas, ao longo da década de 1960, acerca do crédito fotográfico, desconsiderado nos órgãos de imprensa escrita (SERRANO, 2006, p.39).

---

<sup>34</sup> O Prêmio Esso de Reportagem foi criado em 1953, durante o governo Getúlio Vargas, e premia jornalistas e veículos de comunicação que mais se destacam durante o ano.



Atualmente, com a ascensão das tecnologias comunicacionais, principalmente proporcionadas pela Internet, a questão do direito autoral na fotografia vem sendo colocada em xeque. O jornalismo cidadão, ou “em outras palavras a ‘colaboração’ de pessoas comuns na produção de notícias” (SOUZA e BONI, 2007, p.13), praticado por coletivos como a Mídia NINJA, fundamenta-se na criação cooperativa dos materiais disponibilizados. No caso da NINJA todo o material produzido pelo grupo está sob a égide da licença Creative Commons<sup>35</sup>, que permite diversos tipos de direitos e restrições. A licença da Mídia NINJA é a CC BY-AS, que permite o compartilhamento e adaptação de todo o material do Coletivo, podendo ser utilizado para qualquer fim, inclusive comercial, contanto que os créditos originais sejam atribuídos e que todas as mudanças realizadas sejam informadas. Este tipo de concessão também requer que, caso o material sofra alguma modificação, ele deve ser similarmente compartilhado sob a mesma licença Creative Commons do original.



Figura 13- Logotipo da Creative Commons

Em março de 2014, quando foram acusados de censura e de ligações com partidos políticos, a Mídia NINJA se pronunciou através de um comunicado em seu site oficial<sup>36</sup> esclarecendo sua postura acerca dos direitos autorais.

3. Acreditamos no livre fluxo de informações pela rede. Somos defensores do CopyLeft, todo nosso conteúdo é distribuído sob a licença Creative Commons, sem qualquer custo ou exclusividade. Seria impensável, portanto, exigirmos a retirada de algum vídeo do youtube por conta de direitos autorais (SITE DA MÍDIA NINJA, 2015).

<sup>35</sup> *Creative Commons* é uma organização não governamental sem fins lucrativos localizada em Mountain View, na Califórnia, voltada a expandir a quantidade de obras criativas disponíveis, através de suas licenças que permitem a cópia e compartilhamento com menos restrições que o tradicional todos direitos reservados.

<sup>36</sup> Mídia Ninja, direitos autorais e a revolta. Disponível em: <https://ninja.oximity.com/article/M%C3%ADdia-Ninja-Direitos-Autorais-E-A-1>. Acesso em: 20 abr.2015.

O próprio site da Mídia NINJA traz respostas às perguntas que frequentemente são feitas ao grupo e uma delas diz respeito à autoria coletiva. O grupo esclarece que os participantes da NINJA tem liberdade de decidir como apresentar e assinar o seu material, mas explica que a postura do grupo advoga pelo coletivismo, por acreditarem que nenhuma produção de imagem, vídeo ou texto é um processo individual.

Na fotografia, por exemplo, não é possível limitar a ideia de autor ou criador de uma imagem simplesmente àquele que apertou o botão do clique, já que existe um debate anterior sobre a pauta, uma estrutura de suporte para o fotógrafo estar no lugar certo na hora certa, o tratamento, a edição, a postagem e difusão nas redes sociais. Todos os processos são igualmente importantes para que a fotografia se concretize enquanto peça estética e comunicacional, e envolvem dezenas de pessoas. Assim, uma boa parte dos realizadores envolvidos na Rede Ninja optam apenas pela assinatura coletiva Mídia Ninja, mas respeitamos a vontade de colaboradores de manter a autoria individual, e nestes casos damos registros autorais quando solicitados (SITE DA MÍDIA NINJA, 2015<sup>37</sup>).

Queiroga (2010) argumenta que muitas vezes o crédito coletivo é considerado um retrocesso na conquista histórica alcançada pelos fotojornalistas - quanto à obrigatoriedade de menção ao autor - devido a um despreparo para a prática da autoria coletiva. O autor ainda acrescenta que esta é uma tendência do fotojornalismo contemporâneo que pode se consolidar como uma eventual solução à crise na área. Ele reitera que práticas coletivas de produção fotográfica podem ser uma “estratégia de visibilidade e viabilidade” (p.10).

Silva Junior e Queiroga (2010) apontam que este é um tema polêmico que vem gerando debates acerca do papel do fotógrafo dentro do processo produtivo do fotojornalismo colaborativo. Segundo os autores, os coletivos fotográficos, exemplo contundente de prática cooperativa, porém realizada por fotógrafos profissionais que se uniram para trabalhar em temas comuns a todos, seriam uma “crítica direta ao direcionamento que vem sendo dado às coberturas fotográficas pelas agências e veículos de comunicação” (p.110) e que a nova posição ocupada pelo fotógrafo não implica na renúncia da autoria, mas sim, uma coletivização deste mesmo ato.

Oliveira e Vicentini (2009) defendem que a fotografia vai além das páginas dos jornais e sobrevive ao tempo, à notícia e ao seu autor, transformando-se em patrimônio cultural. Deste modo, devido à sua importância como elemento antropológico que eterniza um momento e serve de referência às gerações futuras, ela deve ser tratada como obra de arte e seus autores merecem ter seus direitos resguardados.

---

<sup>37</sup> Perguntas Frequentes (site da Mídia NINJA). Disponível em: <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/faq>. Acesso em: 21 abr.2015.

O repórter fotográfico tem uma função social, como jornalista e como artista, transmitindo conhecimento e provocando nossos sentimentos. Jornalista ou artista? Não importa. O resultado de seu trabalho, informação ou arte, geralmente ambos, é projeção de seu ser, integra sua personalidade, merecendo reconhecimento e proteção. Os repórteres fotográficos são autores e têm direitos sobre as fotos que produzem (OLIVEIRA e VICENTINI, 2009, p.122).

Este tema evoca muitos debates que, por ora, ainda não dão margens a uma definição absoluta das consequências a longo prazo das coberturas fotográficas realizadas por grupos alternativos, como a Mídia NINJA, sobre as questões dos direitos autorais dos fotojornalistas. O que se pode afirmar é que se o direito autoral já estava consolidado no impresso, hoje os avanços tecnológicos digitais de comunicação trazem novas perspectivas de produção noticiosa que incluem o nós, em detrimento do eu. Contudo, esta nova realidade não extingue a figura do profissional fotojornalista que ainda repousa sobre uma posição hierarquicamente superior ao amador (CASADEI, 2014, p.196).

No Brasil, a lei nº 9.610 de fevereiro de 1998 regulamenta as questões relacionadas ao direito autoral e institui que a fotografia se configura como obra protegida e que seu autor tem seus direitos assegurados sobre ela.

## 5.2 JORNALISMO CIDADÃO E O OFÍCIO DO FOTOJORNALISMO

O fotojornalismo passa por mudanças significativas no contexto atual. A ascensão de tecnologias digitais de comunicação tem motivado o seu reposicionamento dentro da estrutura histórica do “fazer notícia”. Estima-se que em todo o mundo cerca de 1,6 bilhões de pessoas<sup>38</sup> possuam um *smartphone*, aparelhos multifuncionais com acesso à internet e câmeras fotográficas acopladas. O Brasil figura na 6ª posição deste ranking, contabilizando 38,8 milhões de usuários conectados, perdendo somente para China, Estados Unidos, Índia, Japão e Rússia. E a tendência é que essa população dobre nos próximos três anos. Tais conjecturas podem apontar que nunca se fotografou tanto como nos dias atuais. Persichetti (2006) analisa que isto não é totalmente verdade, pois o que realmente mudou é a circulação

---

<sup>38</sup> Dados apresentados em reportagem do jornal matutino Hora 1, da rede Globo, exibido em 9 jan.2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/01/numero-de-usuarios-de-smartphones-cresce-25-em-um-ano-no-mundo.html>.

mais ágil destas imagens pelo ciberespaço e, conseqüentemente, mais acessibilidade a esses conteúdos. Neste contexto, qualquer pessoa pode sacar um dispositivo móvel do bolso e registrar cenas que podem se configurar como a única prova de um simples acidente de trânsito, mas também, tragédias monumentais como o ataque da escola de Realengo, no Rio de Janeiro, em 2011. Na ocasião, uma testemunha que passava pela rua, ao ouvir os gritos e tiros, ligou a câmera de seu celular e capturou momentos de verdadeiro terror. As imagens foram posteriormente postadas no *youtube* e ajudaram a polícia na reconstituição do crime, além de servirem como material em dezenas de reportagens. Este é um exemplo de contribuição de um cidadão amador ao jornalismo.

Este não é um fenômeno recente, muito pelo contrário, e vem sendo exaustivamente incentivado pelos veículos midiáticos. Souza e Boni (2007) apontam que é comum a abertura de canais de comunicação com pessoas munidas de dispositivos com câmera para que enviem fotografias com potencial jornalístico às redações. O Eu-Réporter, do grupo O Globo, é uma destas aberturas proporcionadas pela mídia tradicional. Sob o slogan “transforme seu flagrante em notícia” o usuário pode enviar através do site textos, fotografias e vídeos. Os autores classificam esta ação como Jornalismo Cidadão e o fotojornalismo não escapa a essa tendência.

Mas, se por um lado o jornalismo cidadão se configura em uma excelente ferramenta na cobertura jornalística, posto que não seja possível ao fotojornalista estar em todos os lugares simultaneamente, isto levanta uma preocupação acerca de uma possível precarização das condições de trabalho dos profissionais da fotografia de notícia. Em 2013, o jornal Chicago Sun-Times demitiu toda a sua equipe de fotojornalistas, que contava, inclusive, com o ganhador do prêmio Pulitzer, John White, e delegou esta função aos *freelancers* e repórteres treinados para usar seus *smartphones*. A atitude do jornal foi severamente criticada e considerada um duro golpe no fotojornalismo. Isto mostra uma predileção pelo amador e “[...] o que é profissional paulatinamente perde seu espaço em detrimento ao que é gratuito” (BOAVENTURA e SILVA, 2013, p.6).

Hoje, numa web em que todo mundo tem a mesma voz, as palavras do sábio não contam mais que os balbucios de um tolo [...] poucos de nós temos a formação especial, o conhecimento ou a experiência prática para gerar qualquer tipo de perspectiva real. Thomas Friedman, colunista do New York Times, e Robert Fisk, o correspondente do jornal Independent, no Oriente Médio, não brotaram de um blog obscuro – eles adquiriram seu conhecimento detalhado da região passando anos lá. Isso envolveu consideráveis investimentos de tempo e recursos, pelos quais tanto os

próprios jornalistas como os jornais para os quais trabalham merecem ser remunerados (KEEN, 2009 apud BOAVENTURA e SILVA, 2013, p.6<sup>39</sup>).

Em contrapartida, alguns autores não são tão pessimistas quanto à atual conjuntura em que o fotojornalismo se vê inserido. Persichetti (2006) analisa que o jornalismo cidadão não se configura como uma ameaça ao fotojornalismo profissional, mas deixa claro que a quantidade de material que chegará às redações através das mãos dos amadores será sempre maior, pois, tal como mencionado anteriormente, o fotojornalista não é um ser onipresente.

Claro que a questão do profissionalismo, da técnica do fotojornalista, continua pertencendo ao profissional preparado para isso. Mas a notícia quente, o fato, pode muito bem ser transmitido por um amador. Quem se insurge contra isso ou está de má fé ou é incompetente (PERSICHETTI, 2006, p.188).

Souza e Boni (2007) discutem que há diversos debates e opiniões quanto à inserção de amadores no fotojornalismo e destacam, entre elas, o temor da diminuição do número de fotojornalistas profissionais nos jornais e questões relacionadas a manipulação, qualidade e veracidade das fotografias produzidas. Entretanto, os autores são da mesma opinião de Persichetti (2006) e salientam que

Um fotojornalista profissional, qualificado, responsável, ético e criativo obviamente terá seu espaço garantido no mercado de trabalho, pois um fotógrafo amador ainda não tem condições de lhe fazer concorrência (p.14).

O editor de fotografia do jornal Folha de S. Paulo, Diego Padgurschi, entrevistado para este trabalho, acredita que o jornalismo cidadão não prejudica os repórteres fotográficos. Segundo ele, uma vez que os fotógrafos, na grande maioria dos casos, chegam depois da notícia, se não fosse pela ação destes cidadãos comuns com seu celular/câmera, estas imagens não chegariam à redação. Porém isto, de modo algum, elimina a figura do fotojornalista profissional.

---

<sup>39</sup> BOAVENTURA, Salomão da Silva; SILVA, Luciana Leme Souza e. Fotojornalismo 2.0: o impacto das novas tecnologias e perspectivas de um futuro incerto. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26, 2013, Manaus. Anais eletrônicos... Manaus: INTERCOM, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1466-1.pdf>. Acesso em: 21 abr.2015.

O trabalho do repórter-fotográfico continua sendo importante, por dois motivos:

- as imagens feitas pelo cidadão comum são precárias em sua realização técnica, mesmo possuindo o valor do flagrante;
- nas notícias mais importantes, não deixamos de enviar um repórter-fotográfico para o local mesmo sabendo que haverá uma imagem feita pelo dono do bar;

As imagens de leitores são mais percíveis, importantes para aquele momento e boas para serem publicadas no site, mas que muitas vezes não se sustentam por muito tempo. A imagem produzida com qualidade por um profissional se sobrepõe ao registro amador na grande maioria das notícias (PADGURSCHI, 2015).

A cobertura fotográfica da Mídia NINJA sobre os protestos de junho de 2013 trouxe o fotojornalismo à discussão e evidenciou que este talvez não seja um prenúncio da extinção do profissional, mas o anúncio de uma nova fase que se aproxima e que exige fotojornalistas dispostos a trabalhar dentro desta nova dinâmica. Tal como pontua Morales, Souza e Rocha (2013), a Mídia NINJA mostrou o poder do fotojornalismo em causar comoção e reflexão através das imagens postadas.

[...] o “Mídia Ninja” deu sua parcela de contribuição e muito destaque ao fotojornalismo. As fotos ajudaram a contar a história do que estava acontecendo no país. O texto, muitas vezes, complementava a fotografia, invertendo uma tendência histórica do papel da foto. As imagens disponibilizadas na página tinham valor e foram amplamente compartilhadas (MORALES, SOUZA e ROCHA, 2013, p.10).

A produção da Mídia NINJA, desta forma, aponta uma possibilidade à reformulação do fotojornalismo, que agrega a experiência do profissional fotojornalista à participação dos cidadãos que, através do oportunismo e iniciativa de registrar o flagrante, ajudam na construção do conteúdo jornalístico.

### 5.3 OS DISPOSITIVOS MÓVEIS A SERVIÇO DA COBERTURA DOS PROTESTOS

O lendário Robert Capa já afirmava décadas atrás que “se a sua foto não ficou boa é porque você não chegou perto o suficiente”. Esta é a máxima que pontuou a cobertura dos protestos de 2013 pela Mídia NINJA. Este também se configura como o seu diferencial, principalmente quando comparado à cobertura das emissoras tradicionais: enquanto os articuladores da Mídia NINJA estavam em meio à multidão, transmitindo imagens diretamente do centro do furacão, repórteres dos grandes conglomerados da comunicação

optaram pelo uso de helicópteros e por realizarem seus links ao vivo a partir da cobertura de edifícios próximos à passagem dos protestos.

Mídias alternativas também serviram para levar o público a lugares que a mídia tradicional não alcançou, por não estar disposta a enfrentar as multidões ou por ser impedida por estas. Com as emissões live streaming via smartphones, o público pode conferir muito proximamente as passeatas, manobras táticas da polícia, os efeitos do gás lacrimogêneo e sprays de pimenta lançados contra os manifestantes, além das ações dos grupos de pessoas que atacaram e destruíram prédios, carros, lojas e bancos (ALMEIDA e EVANGELISTA, 2013, p.12).

A forma como a Mídia NINJA fotografou os protestos de junho de 2013 só foi possível devido ao fato de que os repórteres ninjas estavam inseridos na multidão e, naquele momento, eram parte integrante da massa. Deste modo, puderam circular livremente em meio a ela, ao contrário dos jornalistas das grandes empresas de comunicação, que foram hostilizados e passaram a ser alvo direto dos manifestantes. Em uma destas ocasiões, o jornalista Caco Barcellos, da rede Globo, foi chamado de manipulador e impedido de trabalhar durante manifestação do Movimento Passe Livre, no Largo da Batata, em São Paulo.<sup>40</sup> Os recorrentes casos de violência contra a imprensa durante as passeatas levaram a ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) a criar um manual contendo dicas de segurança para cobertura jornalística de protestos.<sup>41</sup> O fato de os integrantes da Mídia NINJA não portarem equipamentos que os identificassem com alguma emissora jornalística - como câmeras cinematográficas, microfones, uniformes - mas somente *smartphones*, celulares e demais dispositivos móveis, pode ser um dos motivos que os poupou da ira da multidão que protestava.

Esta visão aproximada dos fatos em plena ebulição somente foi possível pelo tipo de equipamento privilegiado pelos repórteres ninjas. Recentemente, vários eventos mostraram o quão importante tem sido a ação de fotojornalistas cidadãos munidos de dispositivos móveis. A Primavera Árabe, onda de protestos que invadiu o Oriente Médio e o Norte da África, é um destes exemplos. Visto que a liberdade de imprensa nestes locais seja extremamente restrita, os próprios opositores do então ditador da Líbia, Muammar al-Gaddafi,

---

<sup>40</sup> Notícia veiculada pelo site do jornal O Dia. A rede Globo foi uma dos alvos dos manifestantes durante os protestos de junho de 2013. Cartazes e faixas foram ostentados ao longo das passeatas e evidenciaram o verdadeiro descontentamento do público em relação aos veículos midiáticos estabelecidos. Em julho daquele mesmo ano, a sede administrativa da emissora foi depredada por manifestantes enfurecidos. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2013-06-18/caco-barcellos-e-hostilizado-por-manifestantes-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 02 abr.2015.

<sup>41</sup> Notícia veiculada no site da ABRAJI. Disponível em: [http://abraji.org.br/?id=90&id\\_noticia=2828](http://abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2828). Acesso em: 02 abr.2015.

registraram através de câmeras e celulares os confrontos e barbáries que ocorriam naquele país<sup>42</sup> e, posteriormente, disponibilizam este material na grande rede.

Esta não é somente uma tendência que pauta as mídias alternativas, mas também modifica a cada dia as rotinas jornalísticas dos veículos de comunicação. Tal como aponta Rodrigues (2014) diversos autores alertam que é irreversível o processo de produção jornalística que extrapola o “chão da fábrica” e vai além da linha de produção das redações. Nesta mesma concepção caminha Barbosa et al. (2013), que acrescenta que os dispositivos móveis abrem novos horizontes de abordagens e fazem surgir um novo tipo de jornalismo que impõe uma formação diferenciada aos futuros jornalistas.

Os coletivos de mídia alternativa, além de agregarem os aspectos inerentes ao jornalismo cidadão, também exalam a essência dos pilares que sustentam o fenômeno da Convergência. Bittencourt (2014a) avalia que mídias alternativas, como a Mídia NINJA, provocam uma reflexão acerca de um arquétipo de comunicação que passa da unilateralidade para a multilateralidade, da verticalização para a horizontalização, modificando radicalmente a produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos. Ou seja, a Convergência neste contexto vai muito além dos aspectos técnicos que agregam em uma única plataforma vários elementos midiáticos, como no caso dos dispositivos móveis que incluem câmeras e acesso à grande rede, mas vai ao encontro do que afirma Silva Junior (2012).

[...] a convergência na fotografia de imprensa se junta como mais uma incorporação de elementos já aceitos na vida cotidiana, tais como as redes sociais, os novos hábitos de acesso e consumo de conteúdo, as tecnologias móveis, a cultura colaborativa etc (SILVA JUNIOR., 2012, p.45).

No que se refere aos aspectos práticos, a utilização de uma câmera acoplada a um dispositivo móvel dá mais liberdade ao fotógrafo para se movimentar em meio aos pontos de tensão onde repousam a notícia. Hortal (2011) destaca a flexibilidade de movimentação que o uso de *iPhones* representa na cobertura de conflitos sociais, principalmente em campos de guerra. A pesquisadora analisou a cobertura fotográfica da guerra no Afeganistão realizada pelo fotógrafo do *The New York Times*, Damon Winter, chamada *A grunt's life*<sup>43</sup> (Figura 14). O *iPhone* foi o instrumento de captura de imagem utilizado por Winter. Um dos principais pontos salientados por Hortal em seu estudo é que diante da câmera de um *smartphone* os

<sup>42</sup> COSCELLI, João. A revolução será twittada. Disponível em:

<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,a-revolucao-sera-twittada,812020>. Acesso em 24 abr.2015.

<sup>43</sup> Tradução livre: Uma vida de soldado-raso



soldados se sentiam mais relaxados, permitindo momentos de maior espontaneidade e gestos mais francos, ao contrário dos momentos em que Winter usava sua Canon 5D Mark II.

Esta reportagem contém momentos únicos e espontâneos dos soldados. Tal como explica o próprio fotógrafo, nada foi manipulado, nem na cena e na fotografia; nada foi adicionado ou eliminado. Para Winter não importa se uma imagem foi conseguida com uma câmera antiga ou com uma moderna que imita a primeira. Tanto neste trabalho como em toda reportagem gráfica, o conteúdo e a estética são os pilares básicos. Os recursos fotográficos são os mesmo para todos os jornalistas e os recursos visuais deixam uma marca perene que o leitor aprende a decodificar [...] <sup>44</sup>(HORTAL, 2011, p.389).

Esta sensação de autenticidade expressa por Hortal (2011) é também compartilhada por Ferreira (2012). O autor explica que as imagens captadas por dispositivos móveis parecem mais verdadeiras porque foram realizadas por pessoas comuns, que participaram da cena e não por fotógrafos profissionais que já estavam no local esperando a evolução dos fatos.



Figura 14 - Uma das imagens de *A grunt's life*, de Damon Winter. Fonte: The New York Times.<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Texto original: “Este reportaje contiene momentos únicos y espontáneos de los soldados. Tal y como explica el propio fotógrafo, nada se ha manipulado, ni en la escena ni en la toma; nada se ha añadido o eliminado. Para Winter no importa si has conseguido una imagen con una cámara antigua o con una moderna que imite a la primera. Tanto en este trabajo como en todo reportaje gráfico el contenido y la estética son los pilares básicos. Los recursos fotográficos son los mismos para todos los periodistas y los rasgos visuales dejan una impronta perenne en la toma que el lector aprende a decodificar [...]”

<sup>45</sup> Disponível em [http://lens.blogs.nytimes.com/2011/02/11/through-my-eye-not-hipstamatics/?\\_r=0](http://lens.blogs.nytimes.com/2011/02/11/through-my-eye-not-hipstamatics/?_r=0). Acesso em: 17 mai.2015.

Na opinião de Diego Padgurschi, editor de fotografia do jornal Folha de S. Paulo, aproveitar-se deste despojamento proporcionado pelos dispositivos móveis foi essencial para a Mídia NINJA e que, mais importante ainda, foi a ousadia e a ideia de realizar a transmissão ao vivo e online. Ele enfatiza que os celulares, devido às suas diversas funcionalidades e aplicativos específicos, mudaram a forma de atuação do fotógrafo e seu tempo para realização das imagens.

Sobre o uso do celular para fotografar, acho ótimo e prático. Não substituí o uso das câmeras profissionais, mas possibilita o flagrante. Existem lugares onde os fotógrafos não podem entrar com as câmeras profissionais e usam os celulares para fazer a reportagem. Além disso, hoje existem concursos específicos para fotos feitas com celulares, acho interessantíssimo. É mais um "brinquedo" para quem gosta de fotografia e uma ferramenta importante para o repórter-fotográfico (PADGURSCHI, 2015).

Os dispositivos móveis tem gerando impactos importantes na forma como as pessoas consomem informação e no modo como se comportam em relação à tecnologia que tem nas mãos. O espaço de intervenção e interação oferecido pela mídia convencional ao seu público sempre foi muito limitado, entretanto os avanços e democratização das tecnologias de comunicação tem imposto uma mudança radical nesta relação. Hoje, o cidadão comum que possui sua câmera digital ou *smartphone* é capaz de assumir um papel de emissor, equalizando um diálogo que antes se centrava no um para todos, e agora evolui para o todos para todos.

Além dos aspectos identificados durante a análise da cobertura Mídia NINJA, a questão estética também foi evidenciada como um importante elemento definidor da produção do Coletivo. O capítulo 6 se debruçará sobre esta dimensão, identificando e discutindo as peculiaridades que conferem plasticidade e harmonia às imagens selecionadas para este estudo.

## 6 ASPECTOS ESTÉTICOS DA FOTOGRAFIA DA MÍDIA NINJA

Barthes (1984) afirma que toda fotografia é um atestado de presença, ou seja, ela declara que o fotógrafo esteve presente no local do fato. Entretanto, tal como salienta Mazer (2010), há critérios que diferenciam uma fotografia comum de uma com potencial jornalístico, tais como seu teor de noticiabilidade e de serem aptas à publicação em veículo informativo. Seguindo esta premissa, Jorge Pedro Sousa, pesquisador português, afirma que “a fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual” (SOUSA, 2002, p.5).

Apesar de todos os aspectos apontados, a fotografia pode apresentar elementos que vão além da exclusiva transmissão de informação ou de ilustração. A imagem pode agregar perspectivas que incluam a plasticidade como mais um elemento capaz de chamar a atenção do leitor e imprimir-se em sua memória. Desde seu início, o fotojornalismo já era pautado por algumas regras que visavam a sua boa realização. Sousa (2002) cita alguns códigos de composição baseados no enquadramento daquilo que é significativo, aproveitamento da regra dos terços, exclusão de espaços mortos e detalhes que não estejam no centro de interesse, entre outras particularidades.

[...] o fotojornalismo é impregnado de procedimentos estéticos derivados de outras áreas da fotografia. Esse hibridismo, marcará desde os retratos fotojornalísticos, que são fortemente influenciados pelas técnicas da fotografia publicitária (estilo claro, limpo e de grande qualidade formal) às fotografias da cobertura cotidiana, marcadas e influenciadas pelo fotodocumentarismo e pela fotografia clássica, com imagens granuladas, gama tonal pobre e tendendo a contraste acentuado, enquadramentos imperfeitos e ângulos incomuns (FERREIRA, 2013, p.107).

Vilches (1997) afirma que a imagem deve ser estudada como uma superfície textual, composta de signos e códigos. Como elementos da superfície textual, o autor elenca o contraste, a cor, o volume das figuras e o espaço que as envolve. Cada uma destas unidades ajuda a criar a mensagem que a fotografia pretende transmitir. Ferreira (2013) ressalta que “os elementos que compõem um estilo fotográfico (efeitos de iluminação, profundidade de campo ou foco, e composição) atuam como filtros que afetam significados e construções de sentidos” (p.99).

O fotojornalista é como o artista, que não deve enquadrar somente os elementos que deseja apresentar, mas também, dar-lhes ordem em um plano visual, sob certos critérios de composição (que em certa medida são comuns e universais e que se tornam mais relevantes que nunca em uma época carregada pelo visual) (PUENTE e PORATH, 2007, p.2)<sup>46</sup>.

A fotografia é um dos meios de ação utilizados pela Mídia NINJA. Na ocasião dos protestos de 2013, as imagens produzidas pelo Coletivo retrataram os inúmeros personagens que manifestavam pelas ruas do país. O trabalho fotográfico dos repórteres ninjas ganhou tamanha relevância que, no ano seguinte, um conjunto de quatro imagens foi incorporado ao acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo. A partir deste momento estas fotografias foram alçadas ao patamar de obras de arte. Rodrigues (2014) menciona que os fotógrafos da Mídia NINJA inspiram-se nos trabalhos de Sebastião Salgado e Miguel Rio Branco<sup>47</sup>, ambos reconhecidos pela beleza e alta qualidade de suas imagens.

Para registrar esses acontecimentos recentes do Brasil, o “Mídia Ninja”, lançou mão de inúmeras fotos envolvendo temas como o confronto entre manifestantes e a polícia, a ocupação de prédios públicos, as manifestações em frente ao congresso, os protestos nas ruas, praças e avenidas. Tudo isso retratado com rigor jornalístico e técnicas fotográficas que valorizam o primeiro plano, a composição, a luz, o movimento, as expressões, a indignação do povo (MORALES, SOUZA e ROCHA, 2013, p.11).



Figura 15 - Fotografia de autoria de Sebastião Salgado retrata um dos garimpeiros de Serra Pelada em aparente disputa com um policial militar. Fonte: Pinterest.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> Texto original: “El fotoperiodista, al igual que el artista, no sólo debe encuadrar los elementos que desea presentar sino también darles orden en un plano visual, bajo ciertos criterios de composición (que en cierta medida son comunes y universales y que se vuelven más relevantes que nunca en una época cargada a lo visual).”

<sup>47</sup> O trabalho de Miguel Rio Branco pode ser encontrado em <http://www.miguelriobranco.com.br/>. Acesso em: 17 mai. 2015.

<sup>48</sup> Disponível em [www.pinterest.com/pin/497084877596496533/](http://www.pinterest.com/pin/497084877596496533/). Acesso em: 17 mai.2015.

Hortal (2011), baseando-se no trabalho de Puente e Porath (2007), analisou a estética fotográfica das imagens produzidas por Damon Winter durante a guerra no Afeganistão, onde um *iPhone* foi o instrumento de captura utilizado. A autora destaca a composição, a luz e o uso de cor, ou do preto e branco, como os recursos mais importantes para o fotógrafo construir sua mensagem, reforçar, esclarecer ou negar dados. Dentre as fotografias produzidas pela Mídia NINJA durante os protestos de junho de 2013 é possível encontrar algumas destas características de forma bastante clara.

Na imagem postada no dia 17 de junho de 2013 (Figura 16), referente à Macha do Vinagre, em Brasília, é possível identificar os elementos priorizados pelo fotógrafo. O grande plano geral (GPG) escolhido mostra a divisão do espaço entre os sujeitos da ação e o ambiente, em um jogo de sombras que se transforma no elemento de maior destaque na fotografia. A luz que, oportunamente, ilumina os sujeitos de baixo para cima, cria enormes figuras nas paredes do Congresso Nacional, centro do poder político brasileiro. A percepção do fotógrafo possibilitou que a luz fosse utilizada como mais um fator responsável por narrar aquele momento. Hortal (2011) acrescenta que a iluminação de uma cena a ser fotografada provoca dezenas de processos cognitivos, conscientes ou não, que fazem uma imagem dar certo. “A luz não é somente essencial no aspecto estético, mas também no funcional-informativo, pois esclarece a cena de uma forma retórica e delinea o contexto onde está inserida” (p.387).

[...] a luz, sob o ponto de vista da linguagem, é um valor de composição fundamental para a fotografia. Assim como o pintor necessita lidar com as tintas para compor sua obra, o fotógrafo precisa da luz para registrar a imagem num plano (PILLA, TAMBOSI e QUADROS 2010, p.5).

Conotativamente, essa imagem sugere que, naquele momento, o povo é o verdadeiro proprietário daquele espaço. Esta fotografia tem uma carga de sentidos bastante emblemática, principalmente quando se faz uma analogia com o Mito da Caverna, de Platão<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Narrativa que descreve a história de prisioneiros acorrentados no interior de uma caverna desde o nascimento, cujo único vislumbre do mundo exterior é composto por sombras projetadas nas paredes. Quando um dos prisioneiros é obrigado a sair da caverna, ele descobre que, na verdade, as sombras eram projeções de estátuas e que o mundo é muito maior do que aquele espaço onde foi confinado durante toda a vida.



Figura 16 - Fotografia mostra manifestantes sobre o Congresso Nacional, na Marcha do Vinagre, em Brasília (17 jun.2013). Fonte: perfil da Mídia NINJA.

As manifestações em Belo Horizonte deram origem a diversas imagens com plasticidade bastante representativa. O 5º Grande Ato contra o aumento das tarifas de transporte urbano, realizado no dia 26 de junho de 2013, reuniu milhares de manifestantes na capital mineira que se concentraram nas proximidades do estádio Mineirão, que recebia neste dia uma das partidas da Copa das Confederações. O protesto que havia iniciado de forma pacífica, terminou com o embate entre manifestantes e polícia militar, proporcionando a captura de imagens notáveis.

A figura 17 mostra um grupo de manifestantes se protegendo atrás de placas de madeira, onde é possível ler a frase “tarifa zero”. A imagem em Plano Geral (PG) é ocupada, prioritariamente, pelos sujeitos da ação.

Neste enquadramento [plano geral], o ambiente ocupa uma menor parte do quadro; divide, assim, o espaço com o sujeito. Existe aqui uma integração entre eles. Tem grande valor descritivo, situa a ação e situa o homem no ambiente em que ocorre a ação. O dramático advém do tipo de relação existente entre o sujeito e o ambiente. O PG é necessário para localizar o espaço da ação (FEIJÓ, 2015).

De fato esta fotografia possui certa carga de dramaticidade e tensão, pois sugere o deslocamento de seus atores principais diante da perspectiva de serem atingidos por bolas de

borracha ou qualquer outro artefato lançado em sua direção. Outro fator que contribui para a beleza desta imagem é a luz de um poste próximo que incide de cima para baixo diretamente sobre os manifestantes. Este detalhe, certamente, auxiliou a captura da imagem pelo fotógrafo em ambiente noturno, sendo possível, desta forma, criar uma boa profundidade de campo, possibilitando que detalhes como a palavra “covarde” escrita no muro e o homem agachado atrás do poste ficassem bem visíveis. Estas minúcias auxiliaram na composição da cena. Os sujeitos da ação estão posicionados exatamente abaixo do fecho de luz e ocupam a posição central da fotografia, tal como se estivessem representando uma peça teatral e fossem as principais estrelas deste ato.



Figura 17 - Fotografia registrada pela Mídia NINJA durante manifestação em Belo Horizonte/MG (26 jun.2013).  
Fonte: perfil da Mídia NINJA.

Outra imagem capturada pela Mídia NINJA durante a manifestação na capital mineira, em 26 de junho de 2013, é a de um jovem casal que, em meio à confusão geral, compartilha um momento paralelo à ação que se desenrola (Figura 18). Esta fotografia chama a atenção por sua composição. Aparentemente, o casal posa intencionalmente para a lente do fotógrafo, porém o mais interessante é a contraposição dos dois elementos preponderantes na imagem: se uma linha for traçada horizontalmente dividindo a imagem em duas partes iguais, o helicóptero e o casal estão em hemisférios opostos. Além disso, as ideias atreladas a ambos

os componentes também são contrárias: a serenidade em contraposição ao caos. A intenção do fotógrafo é criar um sentido de dramaticidade.



Figura 18 - Fotografia da Mídia NINJA mostra casal de jovens em meio a protesto em Belo Horizonte (26 jun.2013). Fonte: perfil da Mídia NINJA.

Este é um recurso comum para criar uma atmosfera emotiva. Ferreira (2013) aborda esta questão ao analisar uma fotografia de Jean Gaumy, do treinamento de mulheres em Teerã, no Irã (1986). Na imagem, uma fila de mulheres em trajes negros, aparentemente de religião mulçumana, manejam armas em um exercício de tiro no deserto. O autor conclui que “a contradição dá-se na cena a partir da ideia que os espectadores ocidentais fazem destas mulheres, (como oprimidas e passivas) empunhando armas (símbolo de poder e controle)” (p.109).

Outra característica importante nesta imagem é sua obediência à Regra dos Terços, que é um dos mais importantes princípios da composição fotográfica. Ela ajuda a criar uma fotografia visualmente equilibrada, posicionando os elementos principais da cena em pontos específicos do quadro. Segundo a aplicação desta regra, a imagem deve ser dividida por duas linhas verticais e duas horizontais; os pontos de intersecção destas retas seriam as regiões que tornam a fotografia mais interessante.





Figura 19 - Aplicação da Regra dos Terços em fotografia produzida pela Mídia NINJA. Fonte: perfil da Mídia NINJA.

A aplicação da Regra dos Terços (Figura 19) sobre a imagem mostra que o fotógrafo posicionou o casal exatamente no cruzamento das retas, no canto inferior direito. O helicóptero, localizado no primeiro quadrante, parece lançar um jato de fogo sobre a multidão formando um enorme clarão no centro da imagem. O foco na figura do casal é intencional e parece lembrar que a paz é preferível à guerra.

Ferreira (2013) enfatiza que, apesar de alguns manuais de fotojornalismo ainda admoestarem que a cobertura fotojornalística deve privilegiar o conteúdo, ao contrário da forma, isto depende da liberdade de trabalho do fotógrafo. No caso da Mídia NINJA é possível afirmar que seus integrantes se encaixam em um perfil mais autônomo, posto que não haja pautas pré-estabelecidas. Esta realidade oferece aos fotógrafos ninjas uma possibilidade mais ampla de construir suas imagens sobre aspectos estéticos, sem negligenciar a informação.

As próximas imagens se destacam pela beleza e aplicação das técnicas fotográficas. Ambas as fotografias foram postadas no dia 12 de junho e realizadas durante protesto ocorrido na capital paulista. Na Figura 20, o fotógrafo conseguiu capturar o exato momento em que o manifestante pula sobre diversos pneus em chamas, paralisando seu movimento em pleno ar. Tal fato evidencia que o obturador da câmera estava em uma

velocidade alta, que impede que muita luz incida sobre o sensor. Deste modo, é possível concluir que a luz emanada pelas chamas, a grande abertura do diafragma e a provável utilização de um ISO<sup>50</sup> alto, permitiram a realização desta bela imagem. Esta fotografia evidencia que o seu criador possui conhecimentos relativos às técnicas fotográficas, não sendo realizado por um amador.



Figura 20 - Manifestante pula sobre pneus em chamas durante protesto na capital paulista. Fonte: perfil da Mídia NINJA.

A próxima imagem também denota o processo criativo do fotógrafo na realização da fotografia. Na Figura 21, uma linha formada por policiais munidos de escudos, armas e capacetes transmite a mensagem de que, naquele instante, aqueles homens fardados estavam preparados para o embate. A perspicácia do fotógrafo em capturar o melhor momento é identificável no fato de que os policiais parecem posar para as lentes: todos eles estão com os rostos cobertos pelo escudo, menos o primeiro da fila, em maior destaque. Além disso, as cores escuras da fotografia transmitem uma sensação de tensão à cena, que ajudam a evidenciar o sentimento de apreensão que, provavelmente, pairava sobre aquele cenário.

---

<sup>50</sup> ISO (sigla para International Standards Organization) é a medida que indica a sensibilidade do sensor da câmera à luz. Quanto maior o número ISO, maior a sensibilidade do sensor.



Figura 21 - Fila de policiais posicionados durante protesto na cidade de São Paulo. Fonte: perfil da Mídia NINJA.

Após contemplar alguns dos aspectos identificados na análise da cobertura fotográfica da Mídia NINJA sobre os protestos brasileiros de junho de 2013, o capítulo 7 pretende discutir as possíveis implicações que tal cenário impõe sobre o futuro do fotojornalismo tal como o conhecemos.

## 7 TENDÊNCIAS DO FOTOJORNALISMO

As atuais conjecturas do cenário de tecnologia da comunicação geraram grandes impactos sobre o jornalismo. Tal como discutido anteriormente, a popularização de equipamentos portáteis com acesso à grande rede e funcionalidades fotográficas abriram um mundo de possibilidades interativas aos cidadãos comuns, que se transformaram em personagens ativos e colaboradores no processo de construção e disseminação da notícia. Peixoto (2012) identifica que a cisão entre as figuras dos produtores e consumidores proporcionou aos usuários a capacidade de selecionar o que desejam ouvir, ver, ler e, também, de criar seus próprios conteúdos. A potencialização do jornalismo cidadão é fruto deste contexto. Em vista deste horizonte, as rotinas jornalísticas passaram por reviravoltas que tem delineado a práxis nas redações.

E o fotojornalismo, como pode ser definido diante de todas essas mudanças? Pode-se dizer que, assim como a prática jornalística, constata-se que o fotojornalismo também enfrenta mudanças, sejam elas de ordem tecnológica e/ou metodológicas. Mas o que alguns poucos profissionais classificam como crise revela, de fato, alterações na essência da atividade (PEIXOTO, 2012, p.68).

O fotojornalismo tem sido alvo do pessimismo de muitos desde a ascensão deste novo poder tecnológico. As mudanças geradas pelo processo de introdução dos equipamentos e lógicas digitais no jornalismo fotográfico causaram desconforto desde o seu início, principalmente pela natural adaptação pela qual estes profissionais tiveram que passar. Apesar de atualmente a utilização destas estruturas digitais já estar consolidada, a transição do analógico para o digital representou um momento de clara tensão entre os elementos que compunham estes dois hemisférios, lançando sombras ao possível futuro reservado ao fotojornalismo.

A pesquisadora Simonetta Persichetti, em um artigo de 2006 intitulado “A Encruzilhada do Fotojornalismo”, discute a crise desencadeada a partir da década de 1980, analisando os impactos da abundante produção de imagens por amadores e as possíveis formas de enfrentamento à esta nova realidade. Persichetti é bastante dura quanto às perspectivas do fotojornalismo.

Há alguns anos, mais precisamente no final dos anos 90 criei alguns “inimigos” ao afirmar categoricamente que o fotojornalismo havia morrido. Continuo pensando da mesma maneira. Não sumiu a foto da imprensa, mas sumiu o conceito de informar

por imagem. Temos uma imprensa baseada no personalismo, na foto posada, deixamos de ter a ação. Embora a tecnologia nos permita fazer coisas impensáveis, é nossa cabeça que não pensa. A fotografia que vai na capa do jornal não é a mais informativa ou importante; é a mais “bonita” [...] (PERSICHETTI, 2006, p.7).

Contudo, a autora esclarece que a culpa da crise enfrentada pelo fotojornalismo não pode ser atribuída somente à tecnologia, “mas sim à falta de interesse de editores e fotógrafos em sair do convencional, do fotografável, do ‘óbvio eficiente’” (p.4).

O crítico e professor de fotografia, Fred Ritchin, ex-editor de fotografia da *The New York Times Magazine*, compartilha a mesma opinião de Persichetti (2006). Em conversa publicada na revista de fotografia ZUM<sup>51</sup>, Ritchin considera a tecnologia uma fonte de esperança à renovação do fotojornalismo e acrescenta que os tempos atuais são propícios à reinvenção. Apesar disso, os fotógrafos se sentem acuados em experimentarem demais e temem que ninguém vá pagá-los, transformando a falta de ousadia em um “espetáculo previsível”. Como exemplo, Ritchin cita os prêmios *Pulitzer* e o *World Press Photo* que, em sua opinião, insistem em recompensar os clichês, visto que raramente contemplem um trabalho experimental. Em fevereiro de 2014, o *World Press Photo* conferiu o terceiro lugar na categoria *Spot News*<sup>52</sup> à fotografia “O abraço final” (Figura 22), de Taslima Akhter, que retrata os corpos de um casal encontrado abraçado em meio aos destroços de um desabamento em Bangladesh, em 2013. O prêmio principal *World Press Photo of the Year*<sup>53</sup> - foi conferido à fotografia “O Sinal” (Figura 23), de John Stanmeyer, publicada na revista *National Geographic*, que mostra migrantes africanos com seus aparelhos celulares erguidos em busca de sinal de telefonia vindo da Somália. Na opinião de Fred Ritchin, a cena do desabamento não foi escolhida como mais importante por representar a dor, enquanto que a imagem produzida por Stanmeyer “segue uma tendência do jornalismo, cujos objetivos se pareceriam cada vez mais com os da publicidade”.

“São trabalhos bem diferentes entre si. Um representa a morte e é trágico. O outro fala do nosso sonho de conexão. E qual dos dois o World Press Photo selecionou para a premiação mais importante? O segundo, pois trata das nossas aspirações, e não da realidade” (RITCHIN, 2014).

<sup>51</sup> Reportagem da revista de fotografia ZUM, publicada em 11 jun.2014. Disponível em: [http://revistazum.com.br/revista-zum\\_6/fotojornalismo-em-crise/](http://revistazum.com.br/revista-zum_6/fotojornalismo-em-crise/). Acesso em: 05 mai.2015.

<sup>52</sup> Tradução livre: Notícias Locais.

<sup>53</sup> Tradução livre: World Press Foto do Ano



Figura 22 - O abraço final, de Taslima Akhter. Fonte: World Press Photo<sup>54</sup>



Figura 23 - O sinal, de John Stanmeyer. Fonte: bjp-online<sup>55</sup>

<sup>54</sup> Disponível em: <http://www.worldpressphoto.org/collection/photo/2014/spot-news/taslima-akhter>. Acesso em: 01 mai.2015.

<sup>55</sup> Disponível em: <http://www.bjp-online.com/2014/02/vii-photos-john-stanmeyer-wins-57th-world-press-photo-of-the-year/>. Acesso em: 01 mai.2015.

Oliveira (2012) também aposta nas tecnologias como uma alternativa de revitalização do fotojornalismo, contanto que os fotógrafos se dediquem a ir além do trivial usando recursos como a “fotografia 360<sup>56</sup>, mosaico<sup>57</sup>, photosynth<sup>58</sup>, exposições virtuais e tantas outras formas de se comunicar no mundo desterritorializado e globalizado” (p.133). Esta visão permite ampliar o campo de ação do fotojornalista.

Algumas tentativas de diversificar o fotojornalismo e de romper as correntes que prendem estes profissionais à mesmice muitas vezes imposta pelo mercado da notícia tem gerado resultados muito interessantes. É o que vem realizando algumas agências e coletivos fotográficos. Em busca de um fotojornalismo autoral e com responsabilidade social, fotógrafos se reúnem e decidem suas próprias pautas alicerçados em temas que, nem sempre, estampam as páginas dos grandes jornais. Persichetti (2012) cita o exemplo da agência NOOR, que significa luz em árabe. Criada em 2007, a NOOR (<http://noorimages.com/>), situada em Amsterdan, privilegia trabalhos que contribuam para a compreensão do mundo, levantando questões que estimulem uma mudança social positiva e causem discussões acerca de assuntos de interesse global. Um dos novos trabalhos da NOOR (Figura 24), chamado Sofrendo em Silêncio: fístula obstétrica na Ásia<sup>59</sup>, aborda esta condição médica que acomete mulheres que sofreram trabalhos de parto complicados. A fístula obstétrica é totalmente tratável, mas se for negligenciada pode causar incontinência urinária, além de problemas de ordem psicossocial, por conta do forte odor de urina exalado por estas mulheres. Em países como o Afeganistão isto é um verdadeiro tabu.

---

<sup>56</sup> A fotografia 360° é construída a partir da junção de várias imagens em sequência formando uma panorâmica de 360°. O resultado é uma imagem que parece ter sido produzida em um único disparo. Uma fotografia perfeita depende da utilização de softwares e técnicas de edição de imagem, que dão ao usuário a sensação de estarem dentro da cena. Exemplos de fotografia 360° podem ser encontrados em <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/03/1608774-fotos-aereas-transformam-sao-paulo-e-outras-cidades-em-miniplanetas.shtml>. Acesso em: 08 mai.2015.

<sup>57</sup> Mosaico é a união de fotos que seguem um mesmo tema, que podem ou não serem partes de um mesmo ensaio fotográfico. Estas imagens quando agrupadas formam uma única imagem, contudo, quando se clica sobre uma delas ou com a ajuda do zoom, é possível visualizar cada imagem individualmente. Exemplo de fotografia mosaico pode ser encontrado em <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/dilma-rousseff-e-primeira-mulher-eleita-presidente-do-brasil.html>. Acesso em: 08 mai.2015.

<sup>58</sup> Photosynth é uma tecnologia desenvolvida pela Microsoft em conjunto com a Universidade de Washington que transforma fotografias digitais em imagens tridimensionais. Exemplos de fotografias produzidas no Photosynth em <http://edition.cnn.com/SPECIALS/2009/44.president/inauguration/themoment/>. Acesso em: 11 mai.2015

<sup>59</sup> Texto original: Suffering in silence: obstetric fistula in Asia. <http://noorimages.com/project/suffering-in-silence-obstetric-fistula-in-asia/>. Acesso em: 05 mai.2015.

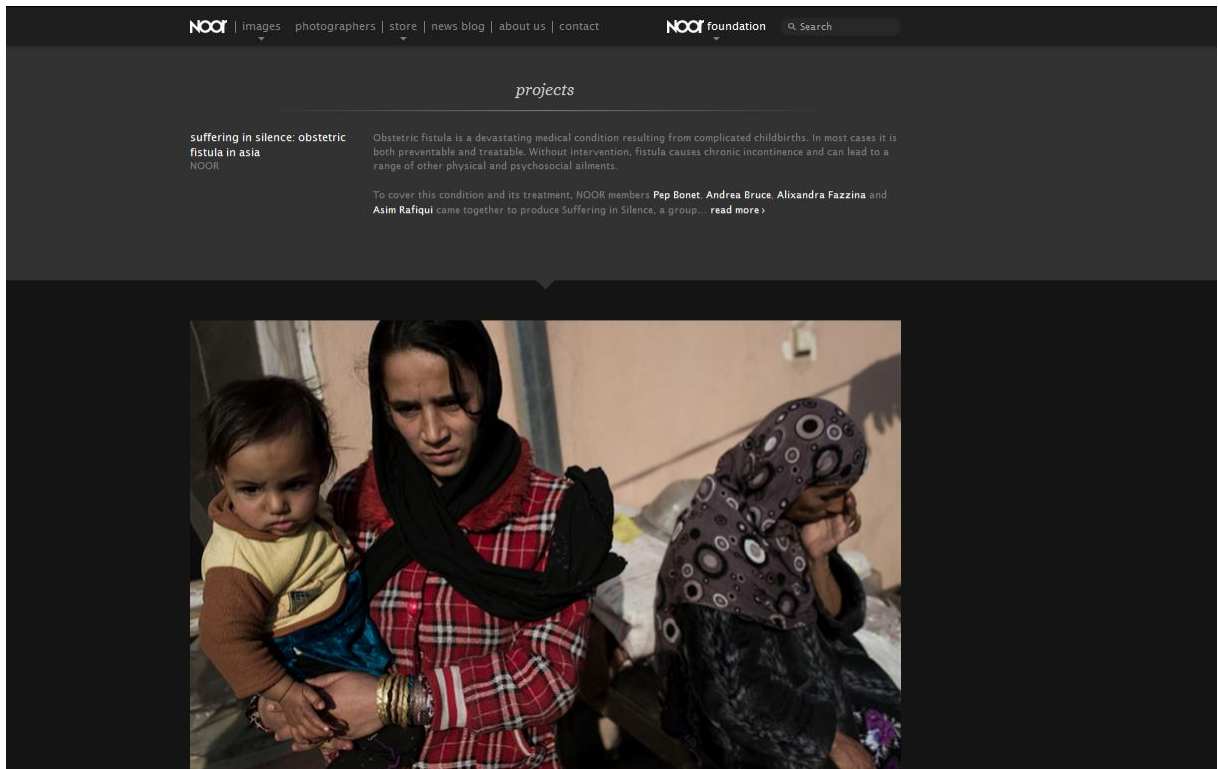


Figura 24 - Página da agência NOOR sobre o ensaio fotográfico “Suffering in silence: obstetric fistula in Asia”.

O trabalho realizado pela NOOR, que é composto ainda por um documentário e textos, traz à tona este tema que é narrado pelas próprias vítimas. Esta é uma maneira de repensar o fotojornalismo além das pautas costumeiras.

Um fotojornalismo que se assume cada vez mais autoral sem perder, contudo, a essência da notícia. O fotógrafo que se assume antes de mais nada como jornalista, como alguém cuja responsabilidade não é apenas testemunhar fatos e registrá-los, mas de alguma maneira também interpretá-los, opinando se colocando como ser atuante e participativo da cena assistida (não estamos nos referindo a intervenção), mas sim em alguém que se expressa ideologicamente e éticamente (PERSICETTI, 2012, p.98).

Outro ponto que converge para o fotojornalismo e causa um enorme impacto em sua configuração é o já discutido Jornalismo Cidadão. Fred Ritchin aponta na entrevista concedida à revista ZUM que a subjetividade honesta desses repórteres amadores, o seu envolvimento voluntário e a ausência de recompensa financeira “podem aproximar uma audiência que simpatizaria com as motivações desses cidadãos comuns, possivelmente semelhantes às deles”. Contudo, Ritchin reitera que o desempenho destas pessoas tem limites, visto que sua atuação pode inclinar para a militância. Neste caso, os fotojornalistas, jornalistas



ou estudantes de jornalismo poderiam atuar como curadores destes cidadãos, direcionando suas ações.

O jornalismo cidadão corre o risco de redundar em ativismo. E essa atitude de defesa de uma causa tornaria os espectadores ou leitores cada vez mais céticos. Na Primavera Árabe, por exemplo, os amadores podem se limitar a mostrar a violência da polícia contra os manifestantes, e não o contrário. Ainda assim, é mais fácil entender quais são os interesses dos jornalistas cidadãos do que compreender o ponto de vista da mídia tradicional (RITCHIN, 2014).

Fred Ritchin acrescenta que sua maior preocupação gira em torno da utilidade do fotojornalista. Na opinião de Ritchin o fotógrafo necessita se engajar socialmente para continuar sendo útil. “Cabe ao profissional se perguntar se o seu esforço se destina à preservação do *status quo* ou à fiscalização dos poderes constituídos”.

O editor de fotografia do jornal Folha de S. Paulo, Diego Padgurschi, acredita que as novas tecnologias trouxeram mais benefícios do que prejuízos à prática do fotojornalista, pois hoje é possível reunir todo o material necessário ao ofício dentro de uma mochila; milhares de imagens podem ser armazenadas em cartões de memória; e todo o material produzido pode ser editado e enviado instantaneamente através de um notebook conectado à internet.

Sou muito otimista com a profissão. [...] É uma retomada ao momento mais romântico do fotojornalismo quando se contavam grandes histórias. Ao mesmo tempo, com tantas transformações, o ato de fotografar também mudou e reflete em sua linguagem e sua forma, mas o conteúdo continua o mesmo. Todo repórter-fotográfico quer contar histórias e a maneira de contá-las é o grande desafio. Não acredito no fim da fotojornalismo, pelo contrário, é um renascimento (PADGURSCHI, 2015).

É possível vislumbrar que, tal como constata Silva Junior (2014) “[...] se há uma crise precipitada no fotojornalismo, esta se remete a uma conjuntura mais ampla, a do próprio jornalismo tradicional em movimento de transição” (p.58), este não é um fenômeno isolado. Aos poucos, o fotojornalismo tem encontrado formas de sobreviver em meio às mudanças viabilizadas pelas tecnologias de comunicação e pela enxurrada de imagens lançadas a cada segundo na grande rede, seja adaptando-se ou criando um Novo Fotojornalismo<sup>60</sup>, como recomenda Ritchin.

---

<sup>60</sup> Na entrevista concedida à revista ZUM, Ritchin propõe a prática do Novo Fotojornalismo, inspirando-se no Novo Jornalismo (movimento que, no Brasil, ficou conhecido como Jornalismo Literário) das décadas de 1960 e 70. Nesse Novo Fotojornalismo a sensibilidade e o elemento subjetivo são priorizados, estimulando o leitor em termos emocionais e intelectuais.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua invenção, a fotografia tem representado o elo entre o passado e o presente, instrumento de captura de um fragmento de tempo que registra no papel e na memória as façanhas do homem através da história. A importância da fotografia foi depreciada logo em seu início, por não ser considerada uma forma de arte, ideia que atualmente é completamente descartada. Contudo, se no princípio as Belas Artes não souberam reconhecer o valor intrínseco da fotografia, o jornalismo a alçou ao posto de companheira visceral de sua natureza. Surgia, então, o fotojornalismo.

Em seus áureos momentos, o fotojornalismo simbolizou os olhos do expectador sobre os fatos; a lente do fotógrafo se transformou na extensão da janela por onde se pode observar todas as coisas. Robert Capa, David Seymour, Cartier-Bresson e George Rodger são alguns daqueles que se tornaram lendas e lançaram as primeiras sementes do fotojornalismo que, ao germinarem, renderam bons e maus frutos. Durante as grandes guerras, a fotografia logo foi percebida como uma forte ferramenta de manipulação da opinião pública, e o ranço da desconfiança acabou respingando sobre o fotojornalismo.

Hoje, após altos e baixos, alguns afirmam que o fotojornalismo enfrenta um novo tempo de crise e especulam o seu fim premente, principalmente pela massificação da fotografia que tem provocado um sentimento de transição entre o que era considerado perpétuo e agora emana uma aura de efemeridade. Entretanto, a fotografia tem mostrado sua força, pois mesmo em uma pequena matéria de jornal ela ainda é fonte de informação. Isso ficou claro através da cobertura fotográfica dos protestos de junho de 2013 realizada pela Mídia NINJA.

Através do seu trabalho, a Mídia NINJA capturou a ação dos manifestantes e as trouxe ao grande público, proporcionando uma visão aproximada daquilo que a grande mídia, representada pelos veículos de comunicação tradicionais, não conseguiu. O sucesso alcançado pela Mídia NINJA se deve, em grande parte, ao *modus operandi* priorizado pelo Coletivo: os dispositivos móveis conectados à internet. Estes equipamentos, dotados de múltiplas funções e interligados à grande rede, viabilizaram a ação da rede NINJA que registrou desde a ocupação das ruas por milhares de pessoas, passando pela fumaça das bombas de gás lacrimogêneo, até chegar ao embate entre policiais e manifestantes.

Apesar da popularização destes dispositivos, não são eles os responsáveis por levar milhões de pessoas às ruas durante os protestos, certamente eles tornaram este recrutamento mais eficiente. A sociedade evoluiu para uma nova forma de lidar com a comunicação, onde os indivíduos se enxergam como produtores e disseminadores de conteúdo.

A dinâmica adotada pela Mídia NINJA em relação à captura das imagens ressalta características importantes do atual contexto de efervescência tecnológica, cujos dispositivos móveis, neste caso em questão, despontam como grandes disseminadores. Como pontos cruciais deste cenário são possíveis apontar a proximidade dos objetos fotografados, caracterizando uma câmera em primeira pessoa e a disseminação massiva das mídias na grande rede em variados formatos (imagem, áudio e vídeo).

Algumas particularidades foram observadas após a análise da cobertura da Mídia NINJA: uma delas é a prática do Jornalismo Cidadão. Este é um dos pontos observados que reconduz o fotojornalismo aos holofotes, porém, contraditoriamente, pode presumir um dos motivos da crise apontada por alguns autores. O Jornalismo Cidadão enaltece o fotojornalismo a partir do momento que, através de práticas como a da Mídia NINJA, produz um material de excelente qualidade estética, pautada em uma forma que privilegia a plasticidade, sem negligenciar a informação. Neste contexto, a fotografia não serve somente como coadjuvante ao texto jornalístico, objetiva e formal, mas abre espaço à interpretação do leitor.

O paradoxo na relação entre fotojornalismo e Jornalismo Cidadão repousa no fato de que a mesma democratização das tecnologias de comunicação, proporcionada pelo uso dos dispositivos móveis e pela internet, pode ser o calcanhar de Aquiles do jornalismo fotográfico, posto que a contribuição de cidadãos amadores gere o temor da extinção da figura do fotógrafo dentro das redações.

É possível entrever após a leitura de diversos artigos que há certa preocupação em relação ao aumento da participação de repórteres cidadãos nas produções jornalísticas. Contudo, a produção de materiais realizada por estes indivíduos é importante no que diz respeito à captura do flagrante, do inesperado, que acaba suprimindo a ausência de um fotojornalista profissional no momento exato em que o fato acontece. A imagem que contextualiza, agrega informação, instiga a reflexão e se fixa na memória do leitor são aquelas produzidas por fotojornalistas, pois esta é a natureza do seu ofício. Ou seja, a figura do fotojornalista não pode ser suplantada pelo fotógrafo do jornalismo cidadão.

Outra questão levantada a partir da análise da cobertura da Mídia NINJA sobre os protestos de 2013 é a do direito autoral, visto que os grupos midiáticos alternativos, como a

NINJA, advoguem pelo crédito coletivo, mas isto não é uma exigência. A rede NINJA dá liberdade aos seus fotógrafos de creditarem sua produção do modo que desejarem e as fotografias pertencentes ao coletivo são disponibilizadas através da licença *Creative Commons*, utilizada mundialmente por diversos artistas, em variadas áreas. Deste modo, o crédito coletivo não sequestra a propriedade da fotografia de seu criador, mas potencializa a possibilidade de propagação deste material, como no caso dos coletivos fotográficos e dos coletivos midiáticos alternativos.

As tecnologias de comunicação tem modificado sensivelmente o campo do fotojornalismo, mas isto não representa sua derrocada, mas seu renascimento, revestido em novos ideais e perspectivas. O fotojornalismo caminha para um horizonte em que o repórter fotográfico deseja mais liberdade na abordagem dos fatos, reduzindo o excesso de objetividade e priorizando elementos que instiguem a emoção, a reflexão, a sensibilidade e o crescimento intelectual do leitor. A agência NOOR foi citada como um exemplo de fotojornalismo engajado com questões sociais e ela não é um exemplo isolado, mas uma tendência que pode se perpetuar.

O fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado é um exemplo daqueles que caminham na direção da quebra dos paradigmas que prendem o fotojornalismo às rotinas e a critérios de noticiabilidade. Salgado, que já teve passagens por agências fotográficas como a Sygma, a Gamma e a Magnum, através de suas imagens em preto e branco, retrata as mazelas humanas ocasionadas pela guerra, pela miséria e que ferem a dignidade humana. Sebastião Salgado se destaca como aquele que se movimenta em direção contrária àquilo que é vulgar, comum à maioria, justamente por consagrar o fotojornalismo autoral e o projeto sem data pré-definida, seguindo, assim, o modelo concebido pela Magnum.

Os dispositivos móveis tem impactado o cotidiano das pessoas e as produções jornalísticas, vide o exemplo de Damon Winter que, através de seu *iPhone*, realizou um ensaio fotográfico na guerra do Afeganistão que estampou a capa do *The New York Times*. Tal ousadia seria impensável uma década atrás.

Estes são novos tempos que exigem que o fotojornalismo se adapte e invente novas formas de atuação. São novos tempos que, apesar das facilidades oferecidas pelos *smartphones*, celulares, *tablets* e internet, não prescindem da coragem do fotojornalista para enfrentar a multidão enfurecida e capturar a melhor imagem. São novos tempos que não excluem o fotojornalista profissional, pelo contrário, o acolhe. Ainda não é claro o futuro a médio e longo prazo reservado ao fotojornalismo, por este motivo, é necessário estar sempre atento a estas mudanças e realizando novas análises que tenham como foco esta temática.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Thiago D'Angelo Ribeiro. **Manifestações no Brasil: uma referência de ação política integrada às novas tecnologias da informação.** Jornadas de Junho: repercussões e leituras. SOUSA, Cidoval Morais de; SOUZA, Arão de Azevêdo (Orgs.). Campina Grande, PB: EDUEPB, 2013. 106 p. Disponível em: <[http://www.uepb.edu.br/download/outros\\_documentos\\_2013/Jornadas%20de%20junho\\_repercuss%C3%B5es%20e%20leituras.pdf](http://www.uepb.edu.br/download/outros_documentos_2013/Jornadas%20de%20junho_repercuss%C3%B5es%20e%20leituras.pdf)>. Acesso em 09 mai. 2015.
- ALMEIDA, Thiago D'Angelo Ribeiro; EVANGELISTA, Amanda Falcão. **Tecnologias móveis, mídias independentes e coberturas de mobilizações sociais urbanas: as influências do “midialivrisimo” na sociedade midiaticizada.** In: Colóquio Semiótica das Mídias, 2, 2013, Alagoas. **Anais eletrônicos...** Alagoas: CSM, 2013. Disponível em: <[http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm2/CSM2\\_ThiagoDangeloAmandaFalcao.pdf](http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm2/CSM2_ThiagoDangeloAmandaFalcao.pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2015.
- BAPTISTA, Eugênio Sávio Lessa. **Fotojornalismo Digital no Brasil: a imagem na imprensa da era pós-fotográfica.** Rio de Janeiro: 2002. Disponível em: <<http://agnieszkabalut.tripod.com/sitebuildercontent/sitebuilderfiles/cadernosdecomunicacao.pdf>>. Acesso em: 16 mar.2015.
- BARBOSA, Suzana; SILVA, Fernando Firmino da; NOGUEIRA, Leila; ALMEIDA, Yuri. **A atuação jornalística em plataformas móveis.** Estudo sobre produtos autóctones e a mudança no estatuto do jornalista. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v.9, n.2, p. 10-29, 2013. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/549/489>>. Acesso em: 19 mar.2015.
- BARCELOS, Janaina Dias. **Fotojornalismo: Dor e Sofrimento.** Estudo de caso do World Press Photo of the Year 1955-2008. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social e Jornalismo). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Portugal, 2009.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara.** Nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. **Características de convergência na atuação do Mídia Ninja.** *Comunicação e Inovação*. São Caetano do Sul, v.15, n.28, p. 76-86, jan-jun. 2014a. Disponível em: <[http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/2393/1506](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2393/1506)>. Acesso em: 19 out. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Interatividade, hipertextualidade e multimídia no processo de convergência da cobertura de protestos pelo coletivo Mídia Ninja.** *Revista Alceu*. Rio de Janeiro, v.14, n.28, p. 188-201, jan-jun.2014b. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20188-201.pdf>>. Acesso em: 16 fev.2015.
- BOAVENTURA, Salomão da Silva; SILVA, Luciana Leme Souza e. **Fotojornalismo 2.0: o impacto das novas tecnologias e perspectivas de um futuro incerto.** In: Congresso

Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: INTERCOM, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1466-1.pdf>. Acesso em: 21 abr.2015.

BRESSANE, Ronaldo. **Guerra dos memes**. Revista Piauí. Ed. 82, jul.2013. Disponível em: < <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-82/esquina/guerra-dos-memes>>. Acesso em: 21 abr.2015.

CAMMAERTS, Bart. **Lógicas de protesto e a estrutura de oportunidade de mediação**. Matrizes. São Paulo, Ano 7, n.2, p. 13-36, jul-dez. 2013. Disponível em: < <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/477/pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

CASADEI, Eliza Bachega. **Experiências fotojornalísticas em um cenário de convergência midiática**: os novos espaços de autoria. Jornalismo e Convergência. BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de (Orgs.). São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2014, 281 p. Disponível em: < [http://culturaacademica.com.br/\\_img/arquivos/ebook-jornalismo-conv%20%282%29.pdf](http://culturaacademica.com.br/_img/arquivos/ebook-jornalismo-conv%20%282%29.pdf) >. Acesso em: 11 mai. 2015.

COSTA, Camilla. **Sob holofotes, Mídia Ninja quer ampliar alcance**. BBC Brasil. 05 ago. 2013. Disponível em: < [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130805\\_midia\\_ninja\\_cc](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130805_midia_ninja_cc)>. Acesso: 24 abr.2015.

DINIZ, Lilia. **O jornalismo em tempo real da mídia ninja**. Observatório da Imprensa. 01 ago. 2013. Disponível em: < [http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/o\\_jornalismo\\_em\\_tempo\\_real\\_da\\_midia\\_ninja/](http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/o_jornalismo_em_tempo_real_da_midia_ninja/)>. Acesso em: 20 mar. 2015.

FABRIS, Annateresa. **Reivindicação de Nadar a Sherri Levine**: autoria e direitos autorais na fotografia. Revista ARS (São Paulo). São Paulo, v.1, n.1, p. 58-64, 2003. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/2901/3591>>. Acesso em: 14 abr.2015.

FEIJÓ, Cláudio. **Planos, enquadramento**. Ponto de Cultura. Fotografia para Todos. Disponível em: <http://fotografiaparatodos.com.br/fotografia/?p=57>. Acesso em: 28 abr.2015.

FERREIRA, Jorge Carlos Felz. **Narrar a Guerra**: produção de sentido no Fotojornalismo. 2013. 194 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013.

\_\_\_\_\_. **O fotojornalismo na web**. 2005. 218 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2005.

\_\_\_\_\_. **iPhone-photography e a cobertura de guerra**: novos paradigmas para o fotojornalismo moderno. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 10, 2012, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: SBPJor, 2012. Disponível em: < <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view/2149/219> >. Acesso em: 19 out. 2014.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. **Impacto da fotografia digital no fotojornalismo diário: um estudo de caso.** 2000. 101 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

GOVEIA, Fábio Gomes; CIARELLI, Patrick Marques; CARREIRA, Lia Scarton; HERKENHOFF, Gabriel. **Imagens das ruas e das redes: análise das jornadas de junho a partir da hashtag #VemPraRua.** In: Encontro Anual da Compós, 23, 2014, Pará. **Anais Eletrônicos...** Pará: Compós, 2014. Disponível em: <  
[http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT01\\_COMUNICACAO\\_E\\_CIBERCULTURA/artigo\\_compos\\_2014\\_compactado\\_200\\_2133.pdf](http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT01_COMUNICACAO_E_CIBERCULTURA/artigo_compos_2014_compactado_200_2133.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2014.

HARAZIM, Dorrit. A história em preto e branco. Zum- Revista de Fotografia. 15 mai.2015. Disponível em: <<http://revistazum.com.br/colunistas/pb/>>. Acesso em: 19 mai.2015.

HARRELL, Thomaz W.M. Da pintura rupestre à fotografia. In:\_\_\_\_\_. **Curso básico de fotografia.** Uberlândia, 2002. cap.1, p. 1-14. Disponível em:  
<<http://www.tharrell.prof.ufu.br/pdfs/A%20Fotografia%20Cap.%20I.pdf>>. Acesso em: 14 de março de 2015.

HORTAL, Pilar Irala. **Fotoperiodismo con teléfono móvil.** In: Congreso de Periodismo Digital, 12, p. 385-97, 2011, Huesca: España. Disponível em: <  
[http://www.researchgate.net/publication/235966620\\_FOTOPERIODISMO\\_CON\\_TELFONO\\_MVIL](http://www.researchgate.net/publication/235966620_FOTOPERIODISMO_CON_TELFONO_MVIL)>. Acesso em: 19 out.2014

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009. 428 p.

JUANES (Inter.). **No creo em el jamás.** La vida es um ratico. Miami:Universal Music Latino, 2007. CD

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** 2.ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007. 174 p.

LEITÃO, Rui. **O Gigante quis apenas dar um susto?** Jornadas de Junho: repercussões e leituras. SOUSA, Cidoval Morais de; SOUZA, Arão de Azevêdo (Orgs.). Campina Grande, PB: EDUEPB, 2013. 106 p. Disponível em: <  
[http://www.uepb.edu.br/download/outros\\_documentos\\_2013/Jornadas%20de%20junho\\_repercuss%C3%B5es%20e%20leituras.pdf](http://www.uepb.edu.br/download/outros_documentos_2013/Jornadas%20de%20junho_repercuss%C3%B5es%20e%20leituras.pdf)>. Acesso em 09 mai. 2015.

LEMO, André. **Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais.** Matrizes. São Paulo, n.1, p. 121-138, out. 2007. Disponível em: <  
<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/Media1AndreLemos.pdf>>. Acesso em: 06 abr.2015.

MACIEL, Marcello Silva; BONI, Paulo César. **O vale da sombra da vida: reflexões sobre a fotografia de guerra e suas repercussões.** Discursos Fotográficos. Londrina, v.2, n.2, p. 93-110, 2006. Disponível em:  
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1480/1226>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais.** Porto Alegre, RS: Sulina, 2013. 280 p.

MAZER, Dulce Helena. **Crítérios de noticiabilidade no fotojornalismo:** observação da comunidade virtual do site Olhares. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: INTERCOM, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1477-1.pdf>>. Acesso em: 30 mar.2015.

MÍDIA NINJA. Portal online do coletivo Mídia NINJA. Disponível em: <https://ninja.oximity.com/>. Acesso em: 19 abr.2015

MORALES, Ofelia Eliza Torres; SOUZA, Carlos Alberto de; ROCHA, Paula Melani. **Mídias Digitais e suas potencialidades nos tempos contemporâneos: estudo de caso “Mídia Ninja”.** Revista Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura. Paraná, v.6, pp.1-15, 2013. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/acaomidiatica/article/view/33737/21938>>. Acesso em: 19 out.2014.

MUNHOZ, Paulo Cesar Vialle. **Fotojornalismo, internet e participação:** o uso de fotografias em weblogs e veículos de pauta aberta. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

NATIONAL ARCHIVES. **Teaching with documents:** Photographs of Lewis Hine: documentation of Child Labor. The U.S. National Archives and Records Administration. Disponível em: <<http://www.archives.gov/education/lessons/hine-photos/>>. Acesso em: 18 mai. 2015.

OLIVEIRA, Erivam Morais de. **As mídias digitais como suporte comunicacional:** o renascimento do fotojornalismo nas ondas tecnológicas. REBEJ, Ponta Grossa, v.1, n.10, p. 111-136, jun-dez. 2012. Disponível em: <http://www.fnj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/220/157>. Acesso em: 18 mar. 2015.

OLIVEIRA, Erivam Morais de; VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo:** uma viagem entre o analógico e o digital. São Paulo: Cengage Learning, 2009. 185 p.

OLIVEIRA, Lisbeth. Fotografia documental e início do fotojornalismo. Comunicação e Informação. Goiânia, v.2, n.1, p. 63-77, jan-jun 1999. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22845/13587>. Acesso em: 14 mar. 2015.

PADGURSCHI, Diego. Juiz de Fora, Minas Gerais, 15 abr.2015. Entrevista concedida através de email à Roberta Cristiane de Oliveira.

PEIXOTO, João Guilherme de Melo. **Fotojornalismo e convergência digital:** um estudo de caso de duas coberturas especiais do portal JC Online. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Pernambuco. Recife, 2012.



PERSICHETTI, Simonetta. **Morte anunciada? Não necessariamente! O fotojornalismo renasce nas agências fotográficas**. Líbero. São Paulo, v.15, n.29, p. 93-100, 2012. Disponível em: < <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/8-Morte-anunciada.pdf> >. Acesso em: 15 abr.2015.

\_\_\_\_\_. **A encruzilhada do fotojornalismo**. Discursos Fotográficos. Londrina, v.2, n.2, p. 179-190, 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1484/1230>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou” (?)**. Matrizes. São Paulo, ano 7, n.2, p. 73-93, jul-dez 2013. Disponível em: < <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/487/pdf> >. Acesso em: 16 fev. 2015.

PILLA, Armando; TAMBOSI, Amanda Cristine; QUADROS, Cynthia Morgana Boos de. **A iluminação como forma de linguagem na Fotografia conceitual de moda**. Revista Razón y Palabra. n.71, 2010. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/N/N71/VARIA/23%20PILLA%20ET%20AL-REVISADO.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

PUENTE, Soledad; PORATH, William. **Claves para un buen fotoperiodismo**. Cuadernos de Informacion, n.20, p. 52-66, jul.2007. Disponível em: <<http://cuadernos.uc.cl/uc/index.php/CDI/article/view/112>>. Acesso em: 27 abr.2015.

QUEIROGA, Eduardo. **Coletivo fotográfico: autoria e fotojornalismo em tempos de articulação em rede**. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 12, 2010, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: INTERCOM, 2010. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1136-1.pdf> >. Acesso em: 20 abr.2015.

RAMTHUM, Rodrigo. **Um ensaio sobre o mês de junho de 2013**. Observatório da Imprensa. 16 jul. 2013. Disponível em: < [http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed755\\_um\\_ensaio\\_sobre\\_o\\_mes\\_de\\_junho\\_de\\_2013/](http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed755_um_ensaio_sobre_o_mes_de_junho_de_2013/) >. Acesso em: 09 mai. 2015.

RENÓ, Denis; DANCOSKY, Andressa Kikuti. **Entre a convergência e divergência: o “jornalismo cidadão” da Mídia Ninja**. Jornalismo e Convergência. BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de (Orgs.). São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2014, 281 p. Disponível em: < [http://culturaacademica.com.br/\\_img/arquivos/ebook-jornalismo-conv%20%282%29.pdf](http://culturaacademica.com.br/_img/arquivos/ebook-jornalismo-conv%20%282%29.pdf) >. Acesso em: 11 mai. 2015.

RITCHIN, Fred. **Fotojornalismo em crise?** Entrevista concedida à Revista de Fotografia ZUM. 11 jun.2014. Disponível em: < [http://revistazum.com.br/revista-zum\\_6/fotojornalismo-em-crise/](http://revistazum.com.br/revista-zum_6/fotojornalismo-em-crise/) >. Acesso em: 05 mai.2015.

RODRIGUES, Cláudia Miranda. **O midiativismo como comunicação alternativa: novos critérios de noticiabilidade e democratização da informação**. In: Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, 11, 2014, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: POSCOM, 2014. Disponível em: < <http://pucposcom->

ry.com.br/wp-content/uploads/2014/11/07-Claudia-Rodrigues-PUC-RJ-O-midiavismo-como-comunica%C3%A7%C3%A3o-alternativa.pdf >. Acesso em: 30 mar.2015.

SERRANO, Ana Paula da Rocha. **Uma imagem para mil palavras: a influência do Prêmio Esso na constituição do fotojornalismo Brasileiro.** 2006. 70 f. Monografia (Graduação em História). Departamento de História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

SILVA, Fernando Firmino. **Repórteres em campo com tecnologias móveis conectadas: Uma abordagem teórica sobre convergência e mobilidade.** In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 9, 2011, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: SBPJor, 2011. Disponível em: <  
http://sbpjor.kamotini.ghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/9encontro/CC\_41.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2015.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. **Da foto à fotografia: os jornais precisam de fotógrafos?** Contemporanea, Salvador, v.12, n.1, p. 55-72, 2014. Disponível em: <  
<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/9795/7542>>. Acesso em: 18 mar.2015.

\_\_\_\_\_. **Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenários de convergência.** Discursos Fotográficos. Londrina, v.8, n.12, p. 31-52, 2012. Disponível em: <  
http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/11925/10489 >. Acesso em: 19 out. 2014.

SILVA JUNIOR, José Afonso da; QUEIROGA, Eduardo. **Fotojornalismo colaborativo em tempo de convergência.** Brazilian Journalism Research, Brasília, v.6, n.2, p. 103-19, 2010. Disponível em: < <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/27/28>>. Acesso em: 19 out.2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Porto, Portugal: 2002. Disponível em: <  
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf> >. Acesso em: 16 de fevereiro de 2015.

\_\_\_\_\_. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Porto, Portugal: 1998. Disponível em < <http://2yggwi3714jt19aodrvi700nhq.wpengine.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/2012/04/HISTORIA-CRITICA-DO-FOTOJORNALISMO-OCIDENTAL.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2015.

SOUZA, Carlos Alberto de; JASPER, Aline; KALIBERDA, Andressa. **História da fotografia e do fotojornalismo em Ponta Grossa, PR: um projeto de resgate.** In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9, 2013, Ouro Preto. **Anais eletrônicos...** Ouro Preto: UFOP, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/historia-da-fotografia-e-do-fotojornalismo-em-ponta-grossa-pr-um-projeto-de-resgate> >. Acesso em 13 de março de 2015.

SOUZA, Fábio Dias de; BONI, Paulo César. **Fotojornalismo cidadão: a fotografia a serviço da cidadania.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30, 2007, Santos. **Anais eletrônicos...** Santos: INTERCOM, 2007. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0816-1.pdf>. Acesso em: 15 abr.2015.

TEIXEIRA, Thays Helena Silva. **Comunicação comunitária e jornalismo cidadão: diferenças teóricas e a apropriação mercadológica.** Revista de Estudos da Comunicação, Curitiba, v.13, n.30, p. 79-88, jan-abr. 2012. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/comunicacao?dd99=pdf&dd1=7240>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** 2.ed. Florianópolis, SC: Insular, 2005. 2v.

VIEIRA, Toni André Sharlau. **Mídia Ninja entre a tecnologia, a política e a prática profissional.** Revista Razón y Palabra. Ano 18, n.85, dez. 2013-mar. 2014. Disponível em: <[http://www.razonypalabra.org.mx/N/N85/V85/05\\_Scharlau\\_V85.pdf](http://www.razonypalabra.org.mx/N/N85/V85/05_Scharlau_V85.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2014.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística.** 3.ed. Espanha: Paidós Comunicación, 1997. 228 p.

**APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O EDITOR DE FOTOGRAFIA DO JORNAL  
FOLHA DE S. PAULO, DIEGO PADGURSCHI<sup>61</sup>**

**-Nome, tempo de profissão, veículo de comunicação em que atua ou já atuou.**

Diego Padgurschi, 15 anos de profissão, editor de fotografia do jornal Folha de S. Paulo

**- A evidente inclinação do fotojornalismo colaborativo em não creditar as imagens ao fotógrafo seria um retrocesso na questão dos direitos autorais?**

Os coletivos fotográficos são formados para um bem comum entre os participantes. O crédito é dado ao nome do coletivo para fortalecer a marca, o conjunto e a linguagem fotográfica determinados pelo grupo. Desta forma, não acredito ser um retrocesso aos direitos autorais, já que eles pertencem ao grupo e conseqüentemente aos fotógrafos pertencentes a ele.

Todas as imagens enviadas por leitores devem conter o devido crédito. O leitor deve enviar o termo de sessão dos direitos autorais ou negociar a venda da imagem para o jornal.

**- O jornalismo cidadão poderia implicar na precarização do trabalho do fotojornalista profissional, posto que, se tornou usual os veículos de comunicação incentivarem as pessoas a enviarem materiais (fotografias, vídeos, áudios) às redações e, assim, o trabalho do fotojornalista não seria mais tão necessário?**

É uma discussão muito intensa e constante na profissão. Na minha opinião não prejudica o trabalho dos repórteres-fotográficos. São imagens que não chegariam até a redação se não fosse o cidadão comum com seu celular/câmera. Na grande maioria dos casos, os fotógrafos chegam depois da notícia, já que não podem estar em todos os lugares o tempo todo. O trabalho do repórter-fotográfico continua sendo importante, por dois motivos:

---

<sup>61</sup> Entrevista respondida através de email no dia 20 de abril de 2015.

- as imagens feitas pelo cidadão comum são precárias em sua realização técnica, mesmo possuindo o valor do flagrante;

- nas notícias mais importantes, não deixamos de enviar um repórter-fotográfico para o local mesmo sabendo que haverá uma imagem feita pelo dono do bar;

As imagens de leitores são mais perecíveis, importantes para aquele momento e boas para serem publicadas no site, mas que muitas vezes não se sustentam por muito tempo. A imagem produzida com qualidade por um profissional se sobrepõe ao registro amador na grande maioria das notícias.

**- O fotojornalismo executado por não profissionais poderia acarretar em uma queda da qualidade técnica e estética do ofício?**

O que está em jogo é a importância do flagrante e não a realização técnica da imagem. Um exemplo recente: o acidente aéreo do candidato do PSB à presidência da república Eduardo Campos foi muito difícil para os fotógrafos porque não sobrou nada da aeronave, nem o trem de pouso ou parte da asa, era um grande terreno vazio. Nesta ocasião, a foto feita por um dos bombeiros que chegou primeiro ao local mostrava um pouco de fogo e fumaça. Era a imagem mais informativa para o leitor do que qualquer outra que produzimos naquele dia, mesmo não tendo a qualidade que teria se fosse um fotógrafo profissional. O conteúdo se tornou mais importante do que a realização técnica.

**- Em sua opinião, os dispositivos móveis com câmeras fotográficas acopladas e acesso à internet foram decisivos na cobertura tão aproximada da Mídia NINJA ou você pensa que houve outros fatores que contribuíram para que isto ocorresse? Como estes equipamentos têm influenciado o fotojornalismo na atualidade?**

Sem dúvida os celulares foram essenciais para a cobertura da Mídia Ninja, sem eles não seria possível. Mas, mais importante que o equipamento foi a ousadia e a ideia de realizar a transmissão ao vivo e online.

Os celulares são usados para transmitir as imagens, roteando o wifi e editando as imagens com apps específicos. Isso mudou a forma de atuação do fotógrafo e seu tempo para realização das fotografias. Com a necessidade de transmissão rápida para os sites, o repórter-fotográfico tem que fotografar rapidamente, mas sem perder a melhor imagem. É uma guerra diária do tempo x qualidade.

Sobre o uso do celular para fotografar, acho ótimo e prático. Não substituí o uso das câmeras profissionais, mas possibilita o flagrante (como falei anteriormente). Existem lugares onde os fotógrafos não podem entrar com as câmeras profissionais e usam os celulares para fazer a reportagem. Além disso, hoje existem concursos específicos para fotos feitas com celulares, acho interessantíssimo. É mais um "brinquedo" para quem gosta de fotografia e uma ferramenta importante para o repórter-fotográfico.

**- Em sua opinião, qual seria o futuro do fotojornalismo? Estaria enfrentando um dos maiores desafios de sua existência?**

Sou muito otimista com a profissão. Hoje temos ferramentas incríveis e inimagináveis há duas décadas. Dos equipamentos fotográficos passamos por uma grande evolução, tão importante para o repórter-fotográfico quanto a criação das câmeras portáteis. A mudança para o sistema digital nos proporcionou carregar em uma mochila um computador com todo o laboratório (editores de imagem como Lightroom). Temos cartões de memórias que cabem centenas de imagens. Câmeras com ISO altíssimo e grãos finos.

Sobre a publicação desta produção, temos várias formas de divulgar nosso trabalho com o poder de alcançar milhões de pessoas através da internet. Formas muito simples de criar um site e um álbum de fotos. É uma retomada ao momento mais romântico do fotojornalismo quando se contavam grandes histórias.

Ao mesmo tempo, com tantas transformações, o ato de fotografar também mudou e reflete em sua linguagem e sua forma, mas o conteúdo continua o mesmo. Todo repórter-fotográfico quer contar histórias e a maneira de contá-las é o grande desafio.

Não acredito no fim do fotojornalismo, pelo contrário, é um renascimento.

**APÊNDICE B – TABELA DE PRÉ-ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS POSTADAS PELA  
MÍDIA NINJA DURANTE O MÊS DE JUNHO DE 2013**

<b>Dia</b>	<b>Evento</b>	<b>Autor</b>	<b>Quant. de fotos</b>	<b>Conteúdo</b>
01/06/2013	Protesto na Turquia.	<a href="http://occupygezipics.tumblr.com/">http://occupygezipics.tumblr.com/</a>	2	Multidão.
01/06/2013	XI Caminhada das Lésbicas e Bissexuais de SP.	Sem crédito	52	Multidão e personagens.
01/06/2013	Marcha da Maconha – Florianópolis.	<b>Gabriel Vanini (Coletivo Sem Fronteiras)</b> <sup>62</sup>	2	Multidão com faixas.
<b>Total de Imagens</b> <b>54</b>				
02/06/2013	17ª Parada Gay de São Paulo.	Coletivo Maria Objetiva	2	Multidão.
02/06/2013	17ª Parada Gay de São Paulo.	Sem crédito	19	Multidão e personagens.
<b>Total de Imagens</b> <b>21</b>				
04/06/2013	Protestos na Turquia.	Sem crédito	24	Multidão e personagens.
<b>Total de Imagens</b> <b>24</b>				
05/06/2013	Protestos na Turquia.	Sem crédito	5	Multidão.
<b>Total de Imagens</b> <b>5</b>				
06/06/2013	Protestos na Turquia.	Sem crédito	3	Multidão.
06/06/2013	Movimento contra o aumento das tarifas de trem e metrô em SP.	Sem crédito	2	Multidão.
06/06/2013	Protestos na Turquia.	<b>Eduardo Porto</b>	1	<i>Selfie.</i>
06/06/2013	Manifestação contra o aumento das passagens no transporte público em SP.	Sem crédito	9	Multidão, personagens, depredação e polícia em marcha.
<b>Total de Imagens</b> <b>15</b>				
07/06/2013	Manifestação contra o aumento das passagens no transporte público em SP.	Sem crédito	12	Multidão, personagens, polícia e depredação.
<b>Total de imagens</b> <b>12</b>				

<sup>62</sup> Os nomes em negrito se referem às fotografias que receberam crédito de autoria.

08/06/2013	Ocupação de imóveis – BH.	Sem crédito	11	Multidão e presença da polícia
08/06/2013	Marcha da Maconha – SP.	Mídia Ninja	30	Multidão e personagens.
<b>Total de Imagens</b> <b>41</b>				
09/06/2013	Marcha das Vadias – Amapá.	Sem crédito	38	Multidão, personagens, faixas e cartazes.
09/06/2013	Ato Turquia Livre – BH.	Sem crédito	44	Personagens e multidão.
09/06/2013	Protesto de moradores no Pará contra matança de animais de rua.	Sem crédito	1	Multidão.
<b>Total de Imagens</b> <b>83</b>				
11/06/2013	3º Ato contra o aumento das tarifas no transporte público de SP.	Sem crédito	2	Multidão.
11/06/2013	3º Ato contra o aumento das tarifas no transporte público de SP.	Mídia Ninja	4	Repressão da polícia e personagem.
<b>Total de imagens</b> <b>6</b>				
12/06/2013	Ato contra o aumento das tarifas no transporte público de SP.	Mídia Ninja	11	Repressão da polícia, depredação, personagem e multidão.
<b>Total de imagem</b> <b>11</b>				
13/06/2013	Nova manifestação contra aumento das passagens em SP.	Sem crédito	1	Multidão.
13/06/2013	Questão indígena em Campo Grande – MT.	Sem crédito	2	Personagem.
13/06/2013	4º Ato contra o aumento das tarifas no transporte público de SP.	Mídia Ninja	18	Multidão, repressão da polícia e personagens.
<b>Total de imagens</b> <b>21</b>				
14/06/2013	Questão indígena no Mato Grosso.	Sem crédito	4	Palestras.
14/06/2013	Protesto do MTST contra a Copa das Confederações, em Brasília.	Mídia Ninja	3	Personagem, multidão e faixa.
<b>Total de imagens</b>				



<b>7</b>				
15/06/2013	Protesto contra a Copa das Confederações – DF.	Mídia Ninja	8	Personagem, cartazes, presença da polícia e multidão.
15/06/2013	1º Ato contra aumento da passagem – BH.	Mídia Ninja	3	Multidão e personagem.
15/06/2013	Manifestação pela legalização do aborto.	Mídia Ninja	8	Personagem, cartazes e multidão.
15/06/2013	Ato contra aumento da passagem, entre outras reivindicações, em BH.	Mídia Ninja	1	Multidão.
15/06/2013	Protesto contra os gastos com a Copa das Confederações – DF.	Mídia Ninja	1	Multidão.
15/06/2013	Missão no Mato Grosso do Sul.	Sem crédito	1	Aglomeracão de pessoas.
15/06/2013	Marcha da Maconha – Manaus.	Mídia Ninja	1	Personagem e faixa.
<b>Total de Imagens</b>				
<b>23</b>				
16/06/2013	Movimento Belém Livre.	Sem crédito	2	Multidão.
<b>Total de Imagens</b>				
<b>2</b>				
17/06/2013	2º Ato BH pela Redução da Passagem.	Mídia Ninja	3	Multidão, personagem, depredação.
17/06/2013	5º Ato contra aumento das tarefas de transporte público – SP.	Mídia Ninja	5	Multidão.
17/06/2013	Ato anticapitalista de Repúdio à Repressão Policial do Estado – Ceará.	Mídia Ninja	1	Aglomeracão de pessoas
17/06/2013	Manifesto Belém Livre.	Mídia Ninja	2	Multidão.
17/06/2013	Protesto, em Juiz de Fora-MG, contra os gastos na Copa, o descaso com os trabalhos, transporte público de qualidade, entre outros.	Mídia Ninja	1	Multidão.
17/06/2013	Protesto, em Juiz de Fora-MG, contra os gastos na Copa, o descaso com os trabalhos, transporte público de qualidade, entre outros.	<b>Lorena Dini (Mídia Ninja)</b>	1	Multidão.
17/06/2013	2º Ato BH pela Redução da Passagem.	<b>Marcelo Albert (Mídia Ninja)</b>	1	Multidão.

17/06/2013	Ato Contra o Aumento da Tarifa em Bauru-SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
*17/06/2013 63	Marcha do Vinagre – Brasília.	Mídia Ninja	6	Multidão, ocupação do Congresso Nacional.
17/06/2013	Ato contra o aumento da passagem – Maceió.	Mídia Ninja	1	Multidão.
<b>Total de imagens</b>				
<b>22</b>				
18/06/2013	Ato Belém Livre.	Mídia Ninja	2	Multidão.
18/06/2013	Protesto em Poços de Caldas – MG.	Mídia Ninja	1	Multidão.
18/06/2013	Protesto no Rio de Janeiro.	Mídia Ninja	4	Multidão.
18/06/2013	Ato em Viçosa – MG.	Mídia Ninja	1	Multidão.
18/06/2013	Protesto em SP.	Mídia Ninja	18	Multidão, personagem, repressão da polícia.
18/06/2013	Protesto em São José do Rio Preto – SP.	Mídia Ninja	2	Multidão.
<b>Total das imagens</b>				
<b>28</b>				
19/06/2013	Continuação do protesto em SP.	Mídia Ninja	6	Depredação, personagem, repressão da polícia.
19/06/2013	Manifestação no M'Boi Mirim – SP.	Mídia Ninja	4	Multidão.
19/06/2013	Protesto no dia 18/06 em Arapiraca – AL.	Mídia Ninja	1	Multidão.
19/06/2013	Protesto em Fortaleza – CE.	Mídia Ninja	4	Repressão da polícia, depredação, multidão e faixa.
19/06/2013	Manifestação em Barcelona, Espanha, em apoio aos protestos no Brasil.	Mídia Ninja	1	Multidão.
19/06/2013	Manifestantes, em sua maioria adolescentes, em SP.	Mídia Ninja	3	Multidão.
19/06/2013	Manifestação em BH.	Mídia Ninja	1	Multidão, repressão da polícia.
19/06/2013	Ato Belém Livre.	Mídia Ninja	1	Multidão.
19/06/2013	Manifestação em Patos de Minas – MG.	Mídia Ninja	1	Aglomeracão de pessoas
19/06/2013	Manifestação em Rodoviária	Mídia Ninja	3	Multidão e

<sup>63</sup> As datas sinalizadas por um asterisco representam os eventos selecionados para a amostra deste trabalho.

	do Plano Piloto, em Brasília.			personagem.
<b>Total de imagens</b>				
<b>25</b>				
20/06/2013	Manifestação pela melhoria do transporte público, em Amapá.	Mídia Ninja	1	Repressão da polícia.
20/06/2013	Manifestação em Brasília, rumo ao Congresso Nacional.	Mídia Ninja	5	Multidão, presença da polícia e faixas.
20/06/2013	7º Ato pela redução da tarifa do transporte público em SP.	Mídia Ninja	12	Multidão, personagem e cartaz.
20/06/2013	Ato Belém Livre.	Mídia Ninja	2	Multidão.
20/06/2013	Manifestação em Goiânia – GO.	Mídia Ninja	1	Multidão.
20/06/2013	3º Ato nacional pela redução da passagem – BH.	Mídia Ninja	1	Multidão.
20/06/2013	Manifestação em Pelotas (RS).	Mídia Ninja	1	Multidão.
20/06/2013	Manifestação em Juiz de Fora – MG.	Mídia Ninja	2	Multidão e cartaz.
20/06/2013	Manifestação m Teresina – PI.	Mídia Ninja	1	Multidão.
20/06/2013	Manifestação em São Carlos – SP.	Mídia Ninja	2	Multidão.
20/06/2013	Manifestação em Uberlândia – MG.	Mídia Ninja	1	Multidão.
20/06/2013	Ato em protesto ao aumento das passagens, em Manaus - AM.	Mídia Ninja	1	Multidão.
20/06/2013	Manifestação em Recife – PE.	Mídia Ninja	2	Multidão e personagem.
20/06/2013	Manifestação em Santa Maria – RS.	Mídia Ninja	2	Multidão.
20/06/2013	Manifestação em Ribeirão Preto – SP.	Mídia Ninja	2	Multidão.
20/06/2013	Manifestação em Franca – SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
20/06/2013	Manifestação em Porto Alegre– RS.	Mídia Ninja	1	Multidão.
20/06/2013	Manifestação em Campinas – SP.	Mídia Ninja	2	Multidão.
20/06/2013	Manifestação no Rio de Janeiro.	Mídia Ninja	1	Multidão.
<b>Total de imagens</b>				
<b>41</b>				
21/06/2013	Manifestação em Porto	Mídia Ninja	2	Cartaz e

	Alegre – RS, no dia anterior.			personagem.
21/06/2013	Manifestação do dia anterior em Juiz de Fora – MG.	Mídia Ninja	1	Multidão.
21/06/2013	Manifestação em Cuiabá – MT	Mídia Ninja	1	Multidão.
21/06/2013	Manifestação em Bauru – SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
21/06/2013	Manifestação em Brasília rumo ao Congresso Nacional, no dia anterior.	Mídia Ninja	1	Presença da polícia e multidão.
21/06/2013	Manifestação em João Pessoa – PB.	Mídia Ninja	2	Multidão.
21/06/2013	Manifestação em Passo Fundo – RS.	Mídia Ninja	1	Multidão.
21/06/2013	Manifestação, do dia anterior, em Fortaleza – CE.	Mídia Ninja	1	Multidão.
21/06/2013	Manifestação, do dia anterior, em São Paulo.	Mídia Ninja	1	Personagem.
21/06/2013	Manifestação em Fortaleza – CE.	Mídia Ninja	1	Multidão.
21/06/2013	Ato contra Marcos Feliciano, em São Paulo.	Mídia Ninja	7	Multidão e personagem.
21/06/2013	Manifestação em São Paulo.	Mídia Ninja	2	Multidão e personagem.
21/06/2013	Manifestação em S. José do Rio Preto – SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
21/06/2013	Manifestação em Caxias do Sul – RS.	Mídia Ninja	1	Multidão.
<b>Total de imagens</b>				
<b>23</b>				
22/06/2013	Manifestação na Via Dutra, na altura de Guarulhos, em São Paulo.	Mídia Ninja	3	Multidão e presença do Corpo de Bombeiros.
22/06/2013	4º Ato em BH.	Mídia Ninja	4	Multidão, personagem e cartaz.
22/06/2013	Manifestação, do dia anterior, em Araguaina – TO.	Mídia Ninja	1	Multidão.
22/06/2013	Manifestação em frente ao Congresso acional, em Brasília.	Mídia Ninja	1	Multidão.
<b>Total de imagens</b>				
<b>9</b>				
23/06/2013	1ª Assembleia Geral dos Movimentos de Protesto, em Fortaleza – CE.	Mídia Ninja	1	Multidão.
23/06/2013	Pichadores protestando	Compartilhada a partir	1	Multidão.

	contra repressão sofrida em outros protestos.	do perfil de Cripta DJAN ( <a href="https://www.facebook.com/criptadjan">https://www.facebook.com/criptadjan</a> )		
23/06/2013	Assembleia Geral de Movimentos Sociais, em Brasília.	Mídia Ninja	1	Multidão.
23/06/2013	Manifestação em BH.	Mídia Ninja	2	Multidão.
23/06/2013	Assembleia de Brasília.	Mídia Ninja	1	Multidão.
23/06/2013	Protesto em frente ao estádio Castelão, em Fortaleza – CE.	Sem crédito	1	Multidão.
23/06/2013	Ato Fora Feliciano, em Porto Alegre – RS.	Mídia Ninja	1	Multidão.
<b>Total de imagens</b>				
<b>8</b>				
24/06/2013	Imagem de página do The New York Times que cita a Mídia Ninja em uma de suas reportagens.	Sem crédito	1	Página de jornal.
24/06/2013	Reunião de estudante da UFMG, em Assembleia no campus da Pampulha.	Mídia Ninja	1	Multidão.
24/06/2013	Manifestantes tomam a Câmara Municipal de Juiz de Fora.	Mídia Ninja	1	Multidão.
24/06/2013	Ato contra aumento da passagem no RJ.	Mídia Ninja	1	Multidão.
24/06/2013	Manifestação em Porto Alegre – RS.	Mídia Ninja	7	Multidão, personagem e presença da polícia.
24/06/2013	Assembleia popular em Fortaleza – CE.	Mídia Ninja	1	Multidão.
24/06/2013	Assembleia pública em Ribeirão Preto – SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
24/06/2013	Ato contra aumento da passagem em Manaus – AM.	Mídia Ninja	1	Multidão.
24/06/2013	Protesto de funcionários de empresa de transporte terrestre, em Brasília.	Sem crédito	1	Multidão.
24/06/2013	Assembleia popular de Avaliação e Ação, no RJ.	<b>Gabriele Valente (Mídia Ninja)</b>	1	Multidão.
24/06/2013	Ato em favor de melhorias no transporte público, no RJ.	Mídia Ninja	1	Multidão.
24/06/2013	2º ato em apoio ao Movimento Passe Livre, em Uberlândia – MG.	Mídia Ninja	1	Multidão.
24/06/2013	Ato Belém Livre.	Mídia Ninja	1	Multidão.
<b>Total de imagens</b>				

<b>19</b>				
25/06/2013	Manifestação em SP.	Mídia Ninja	6	Multidão, faixas e personagem.
25/06/2013	Ocupação da Câmara Municipal de Teófilo Otoni – MG.	Mídia Ninja	1	Personagem e faixa.
25/06/2013	Protesto e presença de policiais na Favela da Maré – RJ.	Coletivo Redes da Maré	2	Personagem, presença da polícia e imagem de um cadáver.
25/06/2013	Protesto na Favela da Maré após invasão do BOPE.	<b>Luis Henrique Nascimento</b>	6	Multidão, faixa e presença da polícia.
25/06/2013	Protesto em Ribeirão Preto – SP.	Mídia Ninja	1	Aglomeracão de pessoas
25/06/2013	Ato contra o aumento da passagem em Santa Maria – RS.	Mídia Ninja	2	Presença da polícia, personagem e cartaz.
25/06/2013	Assembleia popular em BH.	Mídia Ninja	1	Multidão.
25/06/2013	Assembleia popular temática.	Mídia Ninja	4	Multidão e personagem.
25/06/2013	Manifestação na reitoria da UFMG.	Mídia Ninja	1	Multidão.
25/06/2013	Assembleia popular no Rio de Janeiro.	Mídia Ninja	1	Multidão.
25/06/2013	Plenária com movimentos sociais – SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
<b>Total de imagens</b>				
<b>26</b>				
26/06/2013	Manifestantes conseguem retirar o BOPE da favela da Maré – RJ.	<b>João Lima (Coletivo Ocupa Alemão)</b>	1	Multidão e presença da polícia.
26/06/2013	Ato do Movimento Passe Livre em Ribeirão Preto – SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
26/06/2013	Ocupação da Câmara Municipal de Santa Maria – RS.	Mídia Ninja	1	Multidão.
26/06/2013	Manifestação em Poços de Caldas – MG.	Mídia Ninja	1	Multidão.
26/06/2013	Protesto em Sabará – MG.	Mídia Ninja	1	Multidão.
26/06/2013	Protesto em Teresina – PI.	Mídia Ninja	2	Multidão e depredação.
26/06/2013	Protesto em Viçosa –	Mídia Ninja	1	Multidão.

	MG.			
26/06/2013	Protesto, do dia anterior, em Ribeirão Preto – MG.	Mídia Ninja	1	Multidão.
26/06/2013	Encontro de manifestantes com a prefeita de Ribeirão Preto.	Mídia Ninja	1	Multidão.
26/06/2013	Manifestação no Rio de Janeiro.	Sem crédito	1	Multidão
*26/06/2013	Manifestação em BH.	Mídia Ninja	27	Multidão, personagem, depredação, presença e repressão da polícia.
*26/06/2013	Protesto em BH (imagem postada no dia seguinte).	<b>Fernando Henrique Oliveira (Mídia Ninja)</b>	1	Multidão e faixa.
26/06/2013	Bolas de futebol espalhadas pelo gramado do Congresso Nacional, em Brasília.	Mídia Ninja	1	Bolas de futebol.
26/06/2013	Mobilização do Sindicato dos Médicos em frente ao Congresso Nacional, em Brasília.	Mídia Ninja	1	Multidão e faixas.
26/06/2013	Panfleto da PM de Minas Gerais informando esquema de segurança durante jogos no Mineirão.	Maria Objetiva	1	Panfleto.
26/06/2013	Manifestação contra Marcos Feliciano em Porto Alegre – RS.	Mídia Ninja	1	Personagem.
26/06/2013	Manifestação em Ouro Preto – MG.	Mídia Ninja	1	Multidão e faixa.
26/06/2013	Protesto em Brasília.	Mídia Ninja	12	Multidão, presença e repressão da polícia.
26/06/2013	MST participa de protesto em BH.	Sem crédito	1	Personagem.
26/06/2013	Manifestação em São Paulo.	Mídia Ninja	1	Multidão e cartaz.
26/06/2013	Manifestação em Ribeirão Preto – SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
26/06/2013	Manifestação em Belém – PA.	Mídia Ninja	3	Multidão e presença da polícia.
26/06/2013	Manifestação em Pelotas	Mídia Ninja	2	Multidão.

	– RS.			
26/06/2013	Delegacia em São José do Rio Preto – SP.	Mídia Ninja	1	Presença da polícia.
<b>Total de imagens</b>				
<b>65</b>				
27/06/2013	Manifestação em São João Del Rey – MG.	<b>Gustavo Pavan</b>	1	Multidão.
27/06/2013	Manifestação em Vitória – ES.	Mídia Ninja	2	Personagem, multidão, presença e repressão da polícia.
27/06/2013	Ocupação de Câmara dos Vereadores de Santa Maria – RS.	Mídia Ninja	1	Multidão.
27/06/2013	Marcha da UNE, em Brasília.	Mídia Ninja	2	Personagem e multidão.
27/06/2013	Protesto em Brasília.	Mídia Ninja	5	Multidão e faixa.
27/06/2013	Audiência Pública na Câmara Municipal de BH.	Mídia Ninja	1	Multidão.
27/06/2013	Assembleia Geral na UFRGS.	Mídia Ninja	1	Multidão.
27/06/2013	Manifestação em Manaus – AM.	<b>Lucas Jatobá (Mídia Ninja)</b>	1	Multidão.
27/06/2013	Manifestação, do dia anterior, em João Pessoa – PB.	Mídia Ninja	1	Multidão, cartaz e faixa.
27/06/2013	Reunião de militantes, em São Paulo, no dia anterior.	Mídia Ninja	1	Multidão.
27/06/2013	Manifestação em Fortaleza – CE.	Mídia Ninja	2	Repressão da polícia e multidão.
27/06/2013	Assembleia Geral em Brasília.	Mídia Ninja	1	Personagens.
27/06/2013	MST chega ao acampamento do Movimento Passe Livre, em Ribeirão Preto – SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
27/06/2013	Aula pública do Movimento Passe Livre, em São Paulo.	Mídia Ninja	1	Multidão.
27/06/2013	Manifestação em Teresina – PI.	Mídia Ninja	2	Multidão e personagem.
27/06/2013	Assembleia Pública em Manaus – AM.	Mídia Ninja	1	Multidão.
27/06/2013	Assembleia popular em BH.	Mídia Ninja	1	Multidão.



27/06/2013	Manifestação em Porto Alegre – RS.	Mídia Ninja	2	Multidão.
27/06/2013	Manifestação em São Carlos – SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
27/06/2013	Debate “Mídia e Manifestação”, na UFMG.	Mídia Ninja	1	Multidão.
27/06/2013	Manifestação em João Pessoa – PB.	Mídia Ninja	1	Multidão.
<b>Total de imagens</b> <b>30</b>				
28/06/2013	Manifestação em Altamira – PA.	Sem crédito	1	Multidão e faixa.
28/06/2013	Manifestantes colocam fogo em carro de emissora, em Fortaleza – CE.	<b>Franzé de Souza (Coletivo Nigéria)</b>	1	Depredação e personagem.
28/06/2013	Apreensão de 32 adolescentes manifestantes em Fortaleza – CE.	<b>Anderson Santiago</b>	1	Presença da polícia e multidão.
<b>Total de imagens</b> <b>3</b>				
29/06/2013	Manifestação em Bauru – SP.	Mídia Ninja	1	Multidão.
29/06/2013	Manifestação em Vitória – ES.	<b>Yuri Barichivich</b>	1	Presença e repressão da polícia.
29/06/2013	Manifestação em BH.	Mídia Ninja	4	Multidão e presença da polícia.
29/06/2013	Quadro de votação na Câmara dos vereadores, em BH.	Sem crédito	1	Quadro de votação.
29/06/2013	Manifestação na Câmara de BH.	Sem crédito	3	Multidão.
29/06/2013	Manifestação no RJ.	Mídia Ninja	1	Multidão.
<b>Total de imagens</b> <b>11</b>				
*30/06/2013	Manifestação no RJ contra Copa das Confederações.	Mídia Ninja	20	Multidão, faixa, personagem, presença e repressão.
30/06/2013	Manifestação em BH, do dia anterior.	Sem crédito	1	Multidão.
<b>Total de imagens</b> <b>21</b>				
<b>Somatório de imagens</b> <b>656</b>				